

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA
E DA ECONOMIA CRIATIVA, APRESENTA

EM
RESIDÊNCIA
▶ BAURU ◀



2020/2021

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO, POR MEIO DA SECRETARIA DA CULTURA E DA ECONOMIA CRIATIVA, APRESENTA

EM RESIDÊNCIA ▶ BAURU ◀

Apoio



Realização



| Secretaria de Cultura e Economia Criativa

Organizadores

EDMAR ALMEIDA
MARCELO BRESSANIN
MARILIA VASCONCELLOS
PAULO SANDRINI

EM RESIDÊNCIA: BAURU

KAFKA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Em residência: Bauru [livro eletrônico] /
organização: Edmar Almeida, Marcelo Bressanin,
Marília Vasconcellos, Paulo Sandrini.
Curitiba, PR : Kafka Edições, 2021.
PDF

ISBN 978-85-61824-37-2

I. Artes - Coletâneas 2. Artes plásticas 3. Artes
plásticas - Exposições - Catálogos I. Almeida, Edmar.
II. Bressanin, Marcelo. III. Vasconcellos, Marília.
IV. Sandrini, Paulo.

21-90849

CDD-709

Índices para catálogo sistemático:

I. Artes plásticas : Exposições : Catálogos 709
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



SUMÁRIO

7	MOSTRA “EM RESIDÊNCIA: BAURU”
21	MOSTRA EM RESIDÊNCIA: BAURU
22	MARCELO BRESSANIN
34	FELIPE CRUZ
46	EDMAR ALMEIDA
60	JULIA NOGUEIRA
64	ARAN CARRIEL
72	MARILIA VASCONCELLOS
90	FILIPE LEA PLAZA
95	VICTOR HARABURA
104	JEFF BARBATO
117	PROCESSOS
118	TEMPOS DE ATELIÊ
130	FICHA TÉCNICA



MOSTRA “EM RESIDÊNCIA: BAURU”



POR REGILENE SARZI

SEJAM BEM VINDES À MOSTRA “EM RESIDÊNCIA: BAURU”!

A exposição é composta de obras de nove artistas, *Marilia Vasconcellos, Marcelo Bressanin, Edmar Almeida, Aran Carriel, Julia Nogueira, Jeff Barbato, Filipe Vinicius Lea Plaza, Felipe Cruz e Victor Harabura*. O projeto “Em residência: Bauru”, contemplado pelo Edital Proac 10/2019 - Produção de exposições inéditas de artes visuais e aprovado por critérios como pertinência, relevância, qualidade e contemporaneidade temática presentes antes mesmo da realização da mostra, ou seja, em uma proposta que já expressava sua potencialidade de diálogo e reflexão plástica e artística para com a cidade.

Aran, Edmar, Marcelo e Marilia participam do projeto como artistas convidados e Jeff, Julia, Felipe, Filipe e Victor foram selecionados a partir de uma convocatória pública para artistas que inscreveram seus portfólios e uma proposta de criação a partir do

tema: a cidade de Bauru. Todos os nove artistas produziram obras inéditas e específicas durante a residência, as quais vocês podem conhecer nesta mostra.

Partindo do título da exposição cabe refletir sobre duas palavras: residência e Bauru. A primeira, um substantivo feminino, a segunda, o nome próprio de um município do interior do estado de São Paulo, localizado no centro-oeste e a 326 km da capital paulista. Inicialmente, projetemos sobre a palavra *residência*, nossa lente *zoom* e façamos uma aproximação detalhada para delinear o sentido da palavra. Residência, casa, morada, habitação, domicílio, lugar fixo no qual alguém habita, vive. Local que alguém reside temporariamente, estando de passagem. Etimologicamente, a origem da palavra residência é do latim *domun* – lar e fruto da junção de *residir*+ ência¹. Residir – ação, verbo associado ao lugar, ambiente, sítio. O lar, ainda que possa ser usado como sinônimo de casa, é concebido como lugar de proteção, abrigo e afeto. Residência, no entanto, está muito mais associado a habitação, ou seja, habitar e a ação de residir – conviver e viver, que embora possa figurar um grau de segurança, contém também um certo fluxo, trânsito, passagem que pode nos revelar um momento (tempo) quando, a partir da nossa presença, habitamos aquele lugar (espaço). Neste sentido, a residência comporta-se socialmente como arquétipo da habitação.

¹Ência: sufixo nominal, de origem latina, que entra na formação de substantivos abstratos que designam ações, qualidades ou estados correspondentes ao sentido da palavra primitiva (bolorência, escorrência, vivência) Fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/-encia>.

No seu clássico estudo sobre a identidade contemporânea, em *A identidade cultural na pós-modernidade* (1992), o sociólogo jamaicano Stuart Hall nos revela um aporte potente para compreensão das relações que tecemos com os lugares que habitamos. Hall, afirma que todas as identidades estão localizadas no espaço e no tempo simbólico. Elas têm aquilo que o professor de literatura e membro do movimento literário pós-colonialista palestino Edward Said, chama de geografias imaginárias, paisagens, características, seu senso de lugar, de casa, lar, localizações no tempo, nas tradições inventadas que ligam o passado e o presente, em mitos de origem que projetam o presente de volta ao passado. O lugar é específico, concreto, conhecido, familiar, delimitado: o ponto de práticas sociais específicas que nos moldaram e nos formaram e com as quais nossas identidades estão intimamente ligadas (HALL, 2006).

Apontemos nossa lente *zoom* agora para focalizar a palavra Bauru que dá nome a cidade, proposta como lugar a ser habitado pelos artistas desta mostra. Etimologicamente, a palavra é de origem indígena gerada a partir de três fontes da língua Tupi-Guarani: **mbai-yuru** que significa “queda de água” ou “rio de grande inclinação”; **ybá-uru**, que quer dizer “cesta de frutas”, ou **bauruz**, como eram chamados os índios que habitavam as margens do rio Batalha. A região era habitada por duas etnias – os caingangues e os guaranis. A história relata vários confrontos entre os grupos indígenas, os bandeirantes paulistas e outros grupos de colonização, como migrantes mineiros, que aqui chegaram para fundar em 1896, a cidade de Bauru. Da cafeicultura à ferrovia, encontram-se

“
As obras
presentes
na mostra
surgem do
exercício do
walkscapes
ou o
caminhar
como prática
artística,
conceito
desenvolvido
pelo italiano
Francesco
Careri...”

as inúmeras estórias sobre as tempestades que inundam as Nações Unidas, e que são na realidade momentos em que o Ribeirão das Flores, um afluente do Rio Batalha, volta a habitar o seu leito e a correr livre em seu fluxo. E não podemos deixar de citar o slogan da cidade – “Bauru cidade sem limites” – criado para traduzir a ideia de ligação, articulação que a cidade faz entre diferentes regiões por meio das rodovias e hidrovias que passam por ela, configurando um entroncamento de importantes estradas que cortam o estado de São Paulo, e jogam mais uma vez com as palavras – sem limites, sem fronteiras.

Mas quais os limites da cidade? Fronteiras, territórios, lugar e espaço, itinerância, errância, nomadismo e Bauru de nome próprio passa a substantivo feminino – residência: “Em residência: Bauru”. As obras presentes na mostra surgem do exercício do *walkscapes* ou o caminhar como prática artística, conceito desenvolvido pelo italiano Francesco Careri que em 2002, lançou o livro *Walkscapes*, no qual ele publica uma espécie de relato de experiência das atividades dos primeiros humanos nômades até os artistas da *Land Art*, dos anos 1960 e 1970, para incluir nessa prática os artistas do grupo *Stalker* e a primeira experiência deambulatória realizada em 1995 pela cidade de Roma, que percorreu 60 km a pé e durou quatro dias e três noites, chamada *Stalker Attraverso i Territori Attuali* (CARERI, 2013).

Muito se fala sobre o conceito de temporalidade na arte contemporânea, mas a experiência temporal está ancorada à experiência dos lugares e dos trânsitos por territórios e não por acaso, chegamos as cartografias (itinerários, territórios) e o nomadismo

ou derivas psicogeográficas, que dominam as exposições artísticas a pelo menos duas décadas. Estas estruturas cartográficas implicam na transformação das condições de percepção, ocupação do espaço e mudanças nos procedimentos de criação e organização institucional da arte no mundo contemporâneo. Neste contexto, a arte contemporânea busca experiências sem fronteiras, nômades, em constante fluxo, sendo a metáfora da diáspora, do *flâneur*, uma das mais pertinentes. O sociólogo francês Michel Maffesoli, em *Sobre o nomadismo: vagabundagens pós-modernas* (2001), define o nomadismo como um comportamento essencial e próprio da condição humana.

Se cabe destacar um elemento, entendemos que a linguagem artística – *site specific* – cujas obras são criadas especificamente a partir daquele lugar ou para aquele lugar – sítio específico ou lugar específico – conceito expandido das instalações artísticas produzidas para um determinado ambiente ou sala de exposição, é algo a ser considerado uma vez que esta nasce da imersão no tema – a cidade de Bauru – sua paisagem urbana, arquitetura, praças, ruas e avenidas, seus rios, e sobretudo, as pessoas que aqui vivem, sua história e estórias. Dessas surgem pesquisas, investigações, visualidades e reflexões traduzidas em obras específicas, materializadas sobre papel, madeira, barro, objetos, vídeo e toda sorte de suportes e técnicas – escultura, gravura, fotografia, vídeo, música, assemblagens, colagens.

Voltemos a residência – termo que nasce da experiência de habitar, conviver, morar, residir não apenas o tema da mostra em si – a cidade de Bauru – mas o próprio processo criativo das obras que ocorre em

um espaço tempo específico durante a residência, tal como o termo é usado na medicina ou em cursos de formação que a experiência envolve um exercício da atividade profissional intenso direcionado pela prática individual vivenciada coletivamente. O processo de criação revela o convívio no ateliê cujo aprendizado alquímico, transforma não só matérias brutas em obras de arte, mas também sujeitos criativos em artistas sensíveis, que despertam desse encontro imersivo com a cidade, com outros artistas e consigo mesmo. Neste sentido, a metodologia cartográfica e imersiva envolveu cada artista, à sua maneira, em um procedimento em comum: a deriva e a circulação pela cidade em busca do invisível, do intangível que se mostrasse parte da construção de sentido que cada um desejava expressar. Assim temos relatos de caminhos percorridos de bicicleta, ônibus, a pé e de regiões a regiões distintas e longínquas da cidade, até os encontros no ateliê coletivo sediado pelo Estação Cidadania - Cultura / CEU Bauru, localizado na região do Geisel, em Bauru.

MARILIA VASCONCELLOS se apropria de diferentes materialidades em suas obras, algumas ela coleta nos lugares de deriva como pequenas folhas, galhos, flores e sementes para criar *assemblages* ou colagens tridimensionais, fruto de composições orgânicas que, como herbários, traduzem cenários botânicos das coletas da artista, por ela nomeados de Botânica, um *work in progress* que se atualiza a cada nova exposição. Essa série guarda a memória na forma daquelas plantas secas, podendo posteriormente serem ou não eternizadas por registros fotográficos. A artista também modela pequenas peças em azu-

lejos, *Relicários*, cujo imaginário visual dialoga com essa construção de pequenos mundos como aqueles acondicionados em vidros que lembram os terrários e ainda revela, aberto sobre uma mesa, as camadas de um livro antigo, adquirido em um sebo de Bauru, que narra a história da cidade. A poética de Marília nos remete à arqueologia, aos artefatos arqueológicos e aos estratos de diferentes temporalidades que reverberam a memória e o conhecimento do lugar que a artista habitou durante o período da residência – Bauru.

MARCELO BRESSANIN tece uma conexão com as obras de Marília e a memória e a arqueologia do lugar, criando duas instalações sonoras. A primeira obra *Deluxe 5*: *dispositivo composicional randômico*, composto de aparelho de rádio/TV portátil que foi transformado pelo artista para emitir sons de estações de rádios locais cuja sintonia se diversifica em tempo real. A segunda é uma peça tridimensional sonora, que reverbera o som do movimento da água que circula de um ponto a outro da escultura através de uma mangueira sanfonada industrial, percorrendo de cima a baixo geograficamente um território. A obra *O Rio sempre volta*, construída com vergalhões ferro e bases de concreto, expõe em sua estrutura, a gambiarra do sistema eletrônico que capta o som através de micro sensores amplificando a acústica do fluxo da água elemento essencial da obra através de caixas de som. Tal estrutura sonora provoca a atenção e interação espacial pela sensorialidade auditiva e permite que a obra funcione como uma caixa ou uma “fonte” experimental, que presentifica o Rio das Flores, hoje aprisionado debaixo da avenida Nações Unidas.

“
As obras
tecem um
diálogo
entre elas
essencialmente
marcado pela
materialidade
que as constitui
como o barco
criado a partir
de materiais
coletados em
caçambas pela
cidade...”

EDMAR ALMEIDA, de igual forma, em diálogo com as águas, apresenta como resultado de suas derivas pela cidade, um conjunto de xilogravuras, uma videoinstalação e uma peça tridimensional – um objeto instalação – um barco, chamado *Caçamba*. As obras tecem um diálogo entre elas essencialmente marcado pela materialidade que as constitui como o barco criado a partir de materiais coletados em caçambas pela cidade, que ao final transforma-se em uma arena para a reflexão do artista sobre o descarte de lixo e materiais industriais, e a poluição e degradação dos rios da cidade e região. De igual forma, na videoarte tem-se um registro das águas poluídas e a ausência de cuidados e tratamento que continuam deteriorando a paisagem bauruense, e no conjunto de xilogravuras circulares, intituladas *Sangrias do Rio Bauru*, nota-se o gesto do artista que cava e registra na madeira, os diferentes percursos do principal rio bauruense, cujas imagens gráficas sintetizam, de forma poética, sua arte política e conceitual.

ARAN CARRIEL, na mesma linha do conceitualismo, compõe um assemblagem e o material gráfico do disco AUTOBONECO+<: (C)IDADE MÉDIA (SUBTÍTULO: EX-CULTURA/REVOLTA MEC^NIC^) produzido a partir de registros sonoros, ruídos e outros sons da paisagem urbana, da arquitetura da metrópole. Na parede da galeria, o artista desenhou uma montagem, indicando a forma de um “boneco”, com a capa, contracapa e os encartes do disco, em uma expografia síntese e visual do conceito criativo da banda ou antiggrupo, como ele destaca, *Autoboneco+<*, marcada por influências *folk* e *post-punk* clássico, que conecta o corpo à experiência da cidade, ao movimento *underground* bauruense, e a

presença singular da música e da arte *underground* na cena cultural bauruense.

Se a experiência conceitual para com a cidade e a paisagem urbana passa pelas bordas, pelas extremidades, a artista **JULIA NOGUEIRA**, na obra *Instabilidades Cotidianas* revisita as proposições da arte Neoconcreta, que tece relações com a materialidade das obras de arte para provocar reflexões políticas sobre o embate do corpo com a cidade. Julia também visa propor uma discussão sobre o descarte enorme de lixo e materiais industriais que poluem as cidades e entulham as ruas, dificultando o trânsito e a locomoção das pessoas, e ao final se acumulando nos terrenos baldios nas periferias das cidades e ou nos leitos dos rios no entorno urbano. Com isso, Júlia se apropria de materiais de construção civil como madeiras, papelão e tela de arame para construir um “paredão” ou uma estrutura escultórica que se contrapõe entre a cidade e as pessoas que nela habitam. A obra exerce sua presença na forma de uma materialidade que resulta em uma estética “povera”, deteriorada em vias de decomposição, mas que ainda assim atua fortemente na ação de limitar e aprisionar o movimento dos corpos, configurando-se em uma espécie de territorialização.

Da limitação imposta pelos territórios às superações da ciência, o artista **JEFF BARBATO**, narra de forma poética as histórias de afeto e recuperação da qualidade de vidas de pessoas que vieram a Bauru para se tratar no Centro de Pesquisa e Reabilitação de Lesões Labiopalatais da FOB (USP). Tendo como referência a sua experiência como paciente do mesmo Centro, o artista traduz a fissura em poesia na forma de uma instalação composta de *assemblages* e

objetos, materializada pela leveza de peças (pratos) de porcelanas, metáforas da delicadeza e fragilidade, reconstruídas pela técnica milenar japonesa do *Kintsugi*, que se transformam em obras de arte, fortes e potentes mantidas por trajetos reconstruídos na superfície de ataduras, como em *Tantos chãos inconformados*, e em bordados, como na obra *Útero*.

FILIFE VINICIUS LEA PLAZA apresenta um conjunto de fotomontagens, fruto da conexão entre pessoas e lugares conhecidos da cidade visando conferir visibilidade a moradores bauruenses, cuja presença sofre diariamente um apagamento social. O artista criou objetos performáticos a partir dos quais surgem conexões com o sagrado e a criação de ícones religiosos, como São Sebastião, que encarnados por moradores, convidados a performar diante da câmera, ganham vida nas obras *Santa Joyce* e *Santa Santina*. Filipe tece narrativas visuais repletas de sensibilidade, mas não menos carregadas de teor político, as quais são uma síntese de inúmeros relatos de exclusão e violência contra pessoas LGBTQIA+.

FELIPE CRUZ embrenhou-se pela cidade de Bauru tendo uma câmera de vídeo nas mãos e a sua experiência com o projeto *Pato VHS* e ao final de sua expedição videográfica, o que vemos na mostra são vídeos que registram uma cidade que pouco conhecemos e seus habitantes noturnos, notívagos. Cabe ressaltar que não são apenas registros documentais, mas pelo contrário, são a visão ou, melhor, a audiovisualização de um artista da imagem movimento – da arte eletrônica – que reitera ruídos, reconstrói imaginá-

rios e dá materialidade a videografias em fluxo, somados a criação sonora urbana. São videoartes que costuram fragmentos, sobrepõem cenas a colagens de registros inusitados, manipulados pela pós-produção que edita a paisagem urbana taciturna. As obras de Felipe compõem a audiovisualidade eletrônica provocada pela bricolagem urbana e suas cenas cotidianas e coletivas, trazidas à luz por um artista da arte do vídeo, das telas videográficas.

VICTOR HARABURA representa, na série *Kaingangs*, de forma contundente e expressiva por meio da escultura e do desenho, os povos originários que habitavam o território no qual hoje está localizado a cidade de Bauru, dando ao seu projeto poético a expressão do rosto de três Kaingangs. Em suas pesquisas, realizadas antes da pandemia, o artista esteve na Reserva Indígena Araribá, no município de Avaí, quando conheceu o cotidiano das pessoas daquela aldeia. Victor afirma que seu trabalho objetiva romper com estereótipos para dar visibilidade a questões como a vida cotidiana, a violência e os conflitos que o povo indígena enfrenta na luta pela garantia do seu direito à demarcação de suas terras e preservação de sua língua e de sua cultura.

Um breve relato de cada processo criativo em síntese não espera dar conta da complexidade das obras que resultaram da residência, mas busca traçar um perfil ou melhor um contorno do território envolvido em cada uma das proposições artísticas desta mostra e ao mesmo tempo como elas compõem o coletivo, a exposição “Em residência: Bauru”.

Dessa forma, as derivas ganham percursos delineados pela experiência de cada artista com a cidade, sua visão, sua poética, do vídeo à arte sonora, das instalações as fotografias e dos objetos e assemblagens as esculturas e desenhos, os quais resultam em estruturas ou texturas e tessituras conectadas pela reflexão e crítica sobre o espaço, o lugar e os modos de residir, *modus* de vida na cidade que edificam novas expressões e comunicações, novas paisagens urbanas, efêmeras e provisórias contra as quais a memória e a temporalidade – ou o intemporal – travam embates diários. As percepções do espaço urbano só são resignificadas pelas Artes Visuais que propõem um encontro com o outro, da identidade que se perfaz pela alteridade, para dar sentido à vida e a existência que tem no corpo seu maior instrumento para o habitar, no aqui e no agora, o presente cujo instrumento é investigar e conhecer para dar visibilidade às experiências estéticas, sinestésicas, sensíveis e colaborativas, que tratam de questões coletivas: papel social e político da arte contemporânea, sim!

Sentimos imensamente a falta da presencialidade, a ausência do público e seus embates com as obras no espaço expositivo que certamente daria um impulso para além do esperado pelas provocações dos artistas desta mostra, composta de trabalhos artísticos dignos de estarem em salas de exposições e instituições da cidade de São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília, e em mostras como bienais e exposições promovidas por museus como Itaú Cultural, MAC ou MASP. Mas a pandemia da COVID'19 chegou na primeira quinzena de março de 2020, após as quatro semanas de trabalho no ateliê e o isolamento impac-

to o projeto provocando uma lacuna, um vazio, entre o tempo de produção e o tempo de exibição das obras – dez meses.

Superada a questão temporal, e sem perder a conexão, os artistas exibem aqui suas obras as quais carregam a potencialidade dos caminhos percorridos, das conversas no ateliê e dos resultados plásticos de cada um e do grupo/coletivo. Nestes meses, depois de tantas mudanças, perdas e incertezas as obras que podemos conhecer nesta mostra são fruto de um complexo processo criativo que se alimentou da mobilidade, da deriva e do nomadismo para conhecer Bauru e revelar outros olhares e perspectivas sobre a cidade sem limites. No entanto, o isolamento, o fechamento de fronteiras e a ruptura da mobilidade é um marco destes tempos difíceis que nos fazem refletir sobre o quanto a mostra “Em residência: Bauru” é ao mesmo tempo, metáfora e espelho de uma curiosa contradição contemporânea: embora isolados, somos hoje mais do que nunca, seres hiper conectados.

Boa fruição!

Bauru, abril de 2021



MOSTRA EM RESIDÊNCIA: BAURU

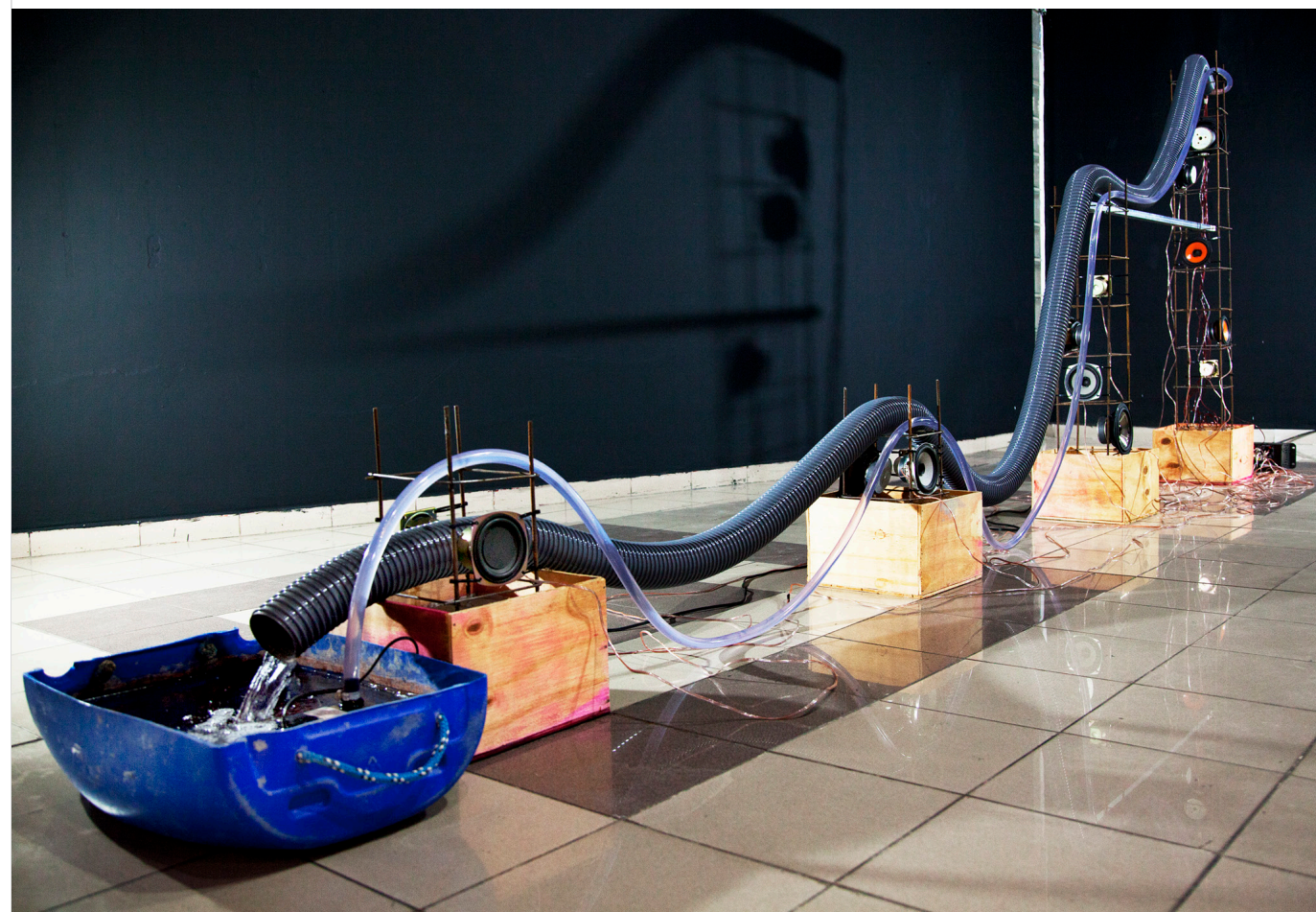


MARCELO BRESSANIN

ARTISTA CONVIDADO

Desde 2010, Marcelo Bressanin atua como artista conceitual e dedica suas pesquisas à arte sonora e a suas relações com outras linguagens e em diversos formatos. Entre 2013 e 2017 integrou o coletivo DUO b, com o qual realizou vários projetos. Participou dos programas de residência artística Em Residência: Bauru (Bauru, 2020), Organicidades (Franco da Rocha, 2019), Toda la teoria del universo (Chile, out/nov 2018), Soy loco por ti Juquery (São Paulo, junho/2018) e La Ira de Dios (Buenos Aires, 2018), Residência de Criação TSONAMI de Arte Sonora (Chile, nov/dez 2017) e Obras em construção (Casa das Caldeiras, São Paulo, 2015 e 2016). Atualmente participa do projeto Ler, Interpretar, Escrever, Sonorizar (em parceria com Paulo Sandrini) e da co-curadoria do projeto Entranhamentos (com o artista paulistano Jp Accacio), além um segundo mestrado no Programa de Pós-graduação em Mídia e Tecnologia (PPGMiT) na FAAC Unesp Bauru.

<https://marcelobressanin.wordpress.com>
Instagram: @bressanin

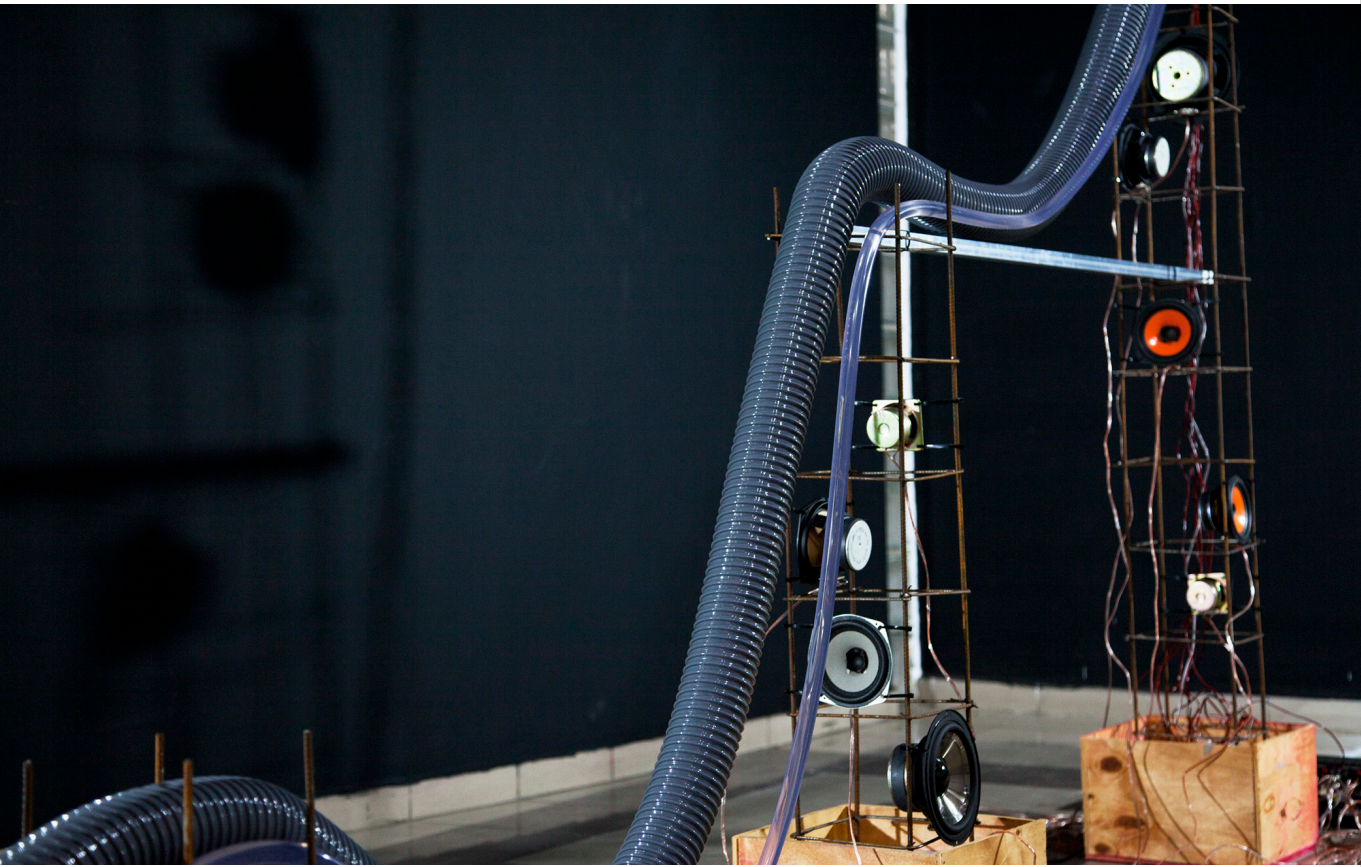
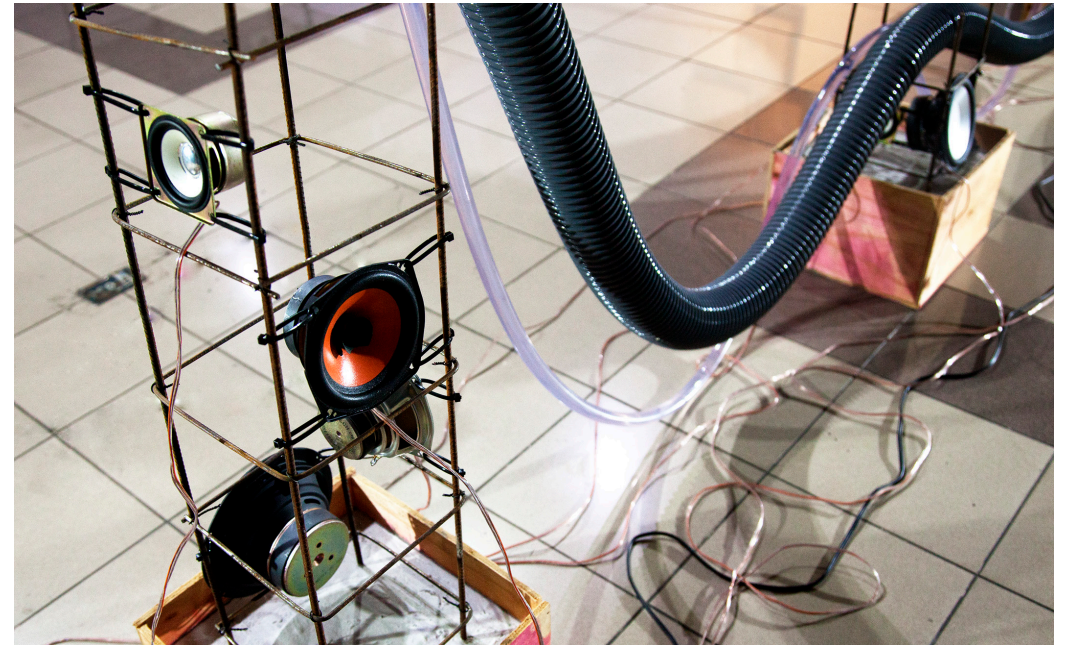


A escultura sonora O RIO SEMPRE VOLTA é composta por quatro colunas de vergalhões armadas sobre bases de madeirite e cimento e dispostas linearmente. A estrutura apoia uma mangueira sanfonada pela qual é bombeado um circuito fechado de água desde um reservatório, instalado na parte inferior da obra até sua parte mais elevada. Dez alto-falantes são especializados nas colunas e ligados a um amplificador que recebe e potencializa os sinais sonoros captados por microfones piezos em contato com a água circulante no sistema.

A obra discute temas frequentes na produção do artista, como a transformação das paisagens e das memórias urbanas e a escuta, neste caso se referindo diretamente à canalização/desaparecimento do Ribeirão das Flores, atualmente enclausurado sob a Avenida Nações Unidas (Bauru, SP) e não mais presente na paisagem urbana do município.

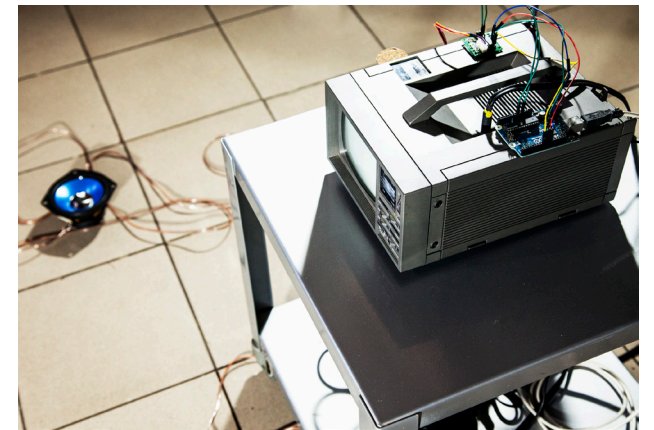
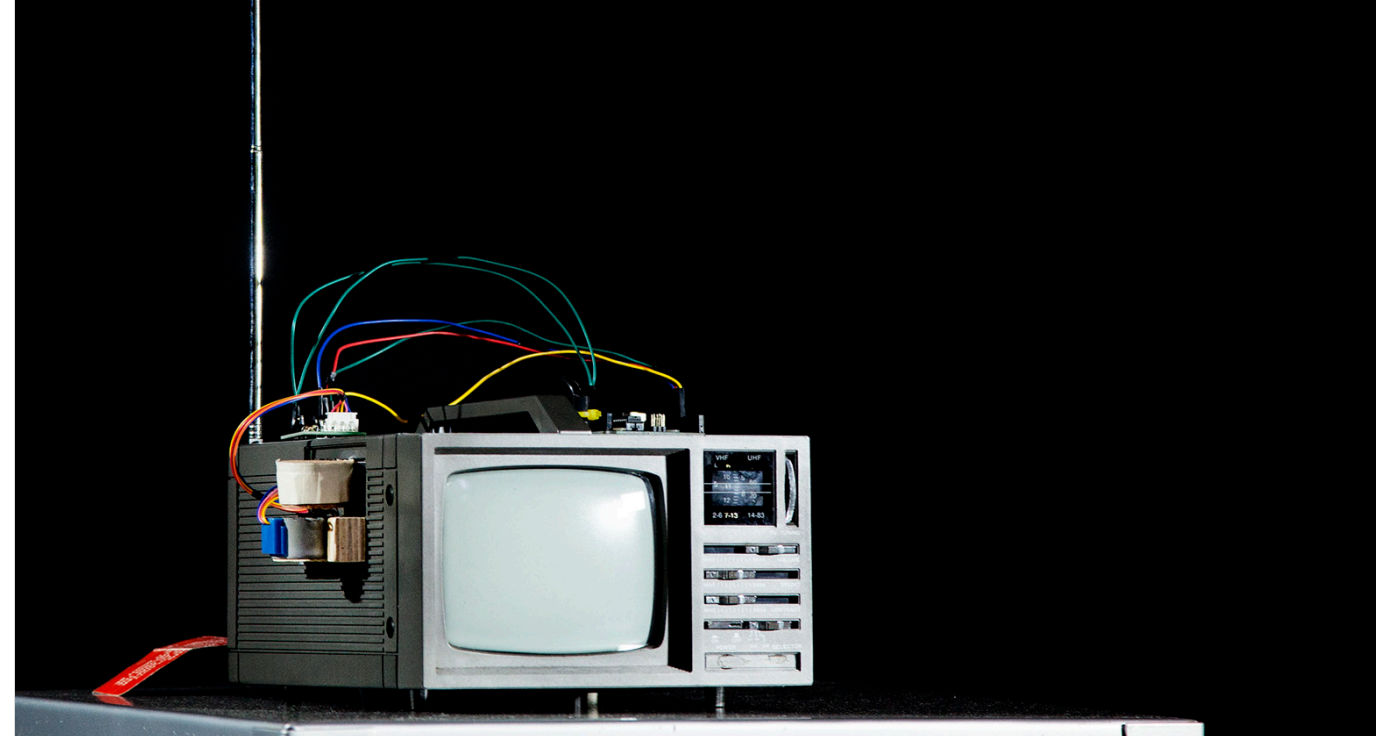




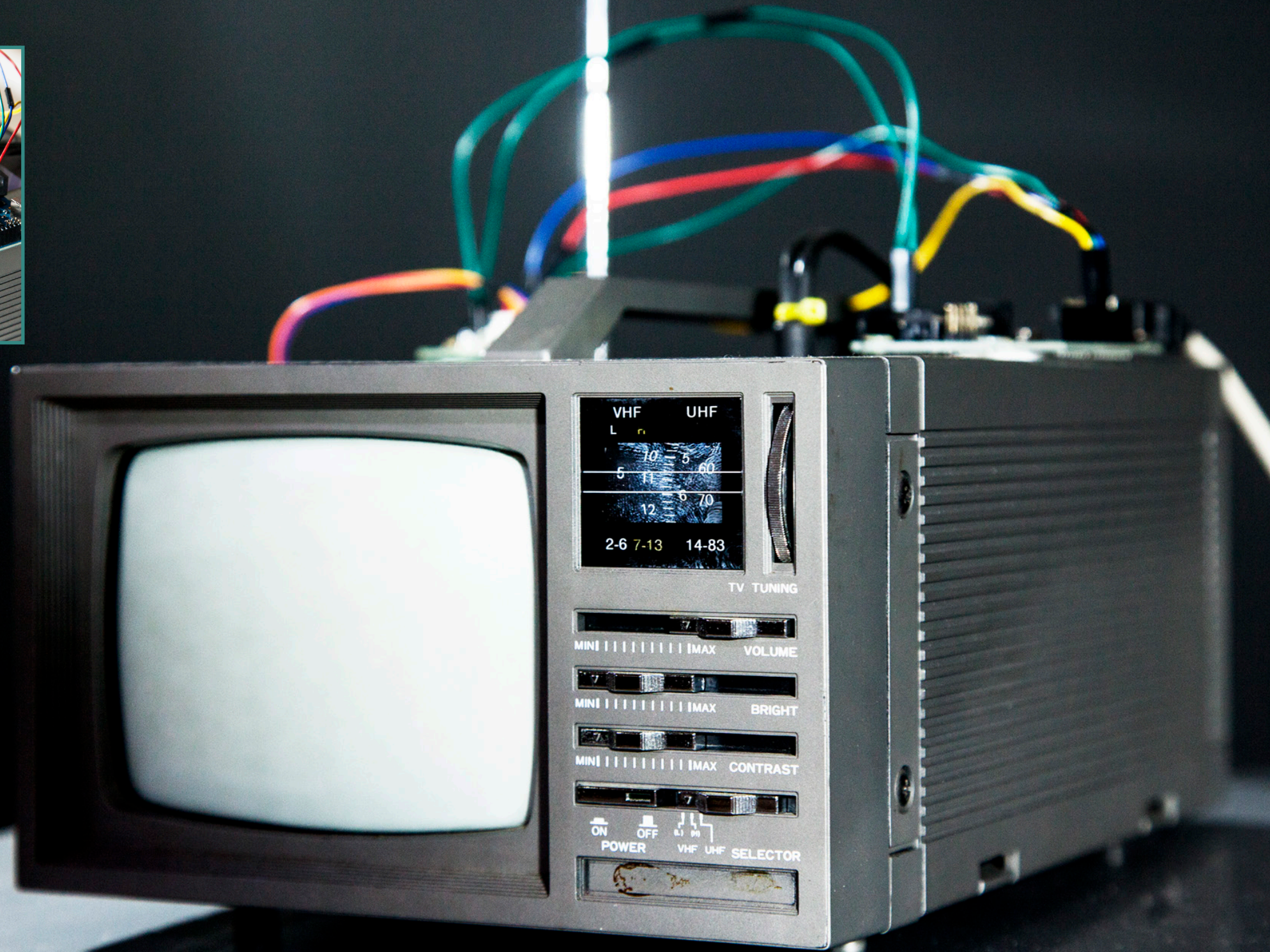
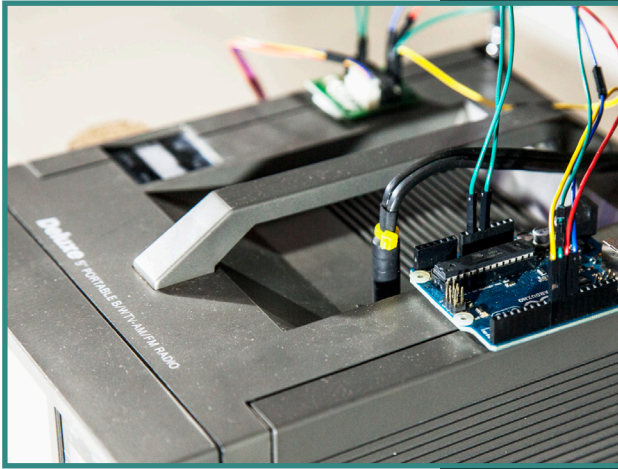


“O rio sempre volta” (2021)
Escultura sonora (Estruturas de vergalhões
de aço com bases de cimento e madeirite,
mangueira sanfonada industrial, reservatório
e bomba de água, piezos elétricos, amplifica-
dor e alto-falantes)
Dimensões: 5,0 m X 2,0m X 1,60m

A instalação sonora **DELUXE 5: DISPOSITIVO COMPOSICIONAL RANDÔMICO** é composta por um aparelho de rádio/TV portátil acoplado a um sistema eletromecânico controlado digitalmente por um *Arduíno* e conectado a um sistema de amplificação e de reprodução (alto-falantes). Em seu funcionamento, a escultura produz uma peça sonora ininterrupta e variável a partir da sintonização das emissões de rádio captadas pelo sistema. Trata-se, aqui, de potencializar a percepção de uma paisagem sonora mutante, composta aleatoriamente a partir de inúmeras transmissões radiofônicas que perpassam o cotidiano urbano da cidade, um tecido urbano invisível porém presente no dia a dia dos moradores locais.



“Deluxe 5”: dispositivo composicional randômico” (2021)
Escultura sonora (Aparelho de rádio/TV portátil, *Arduíno* Uno, motor de passo e alto-falantes)
Dimensões: 1,5 m X 1,5 m



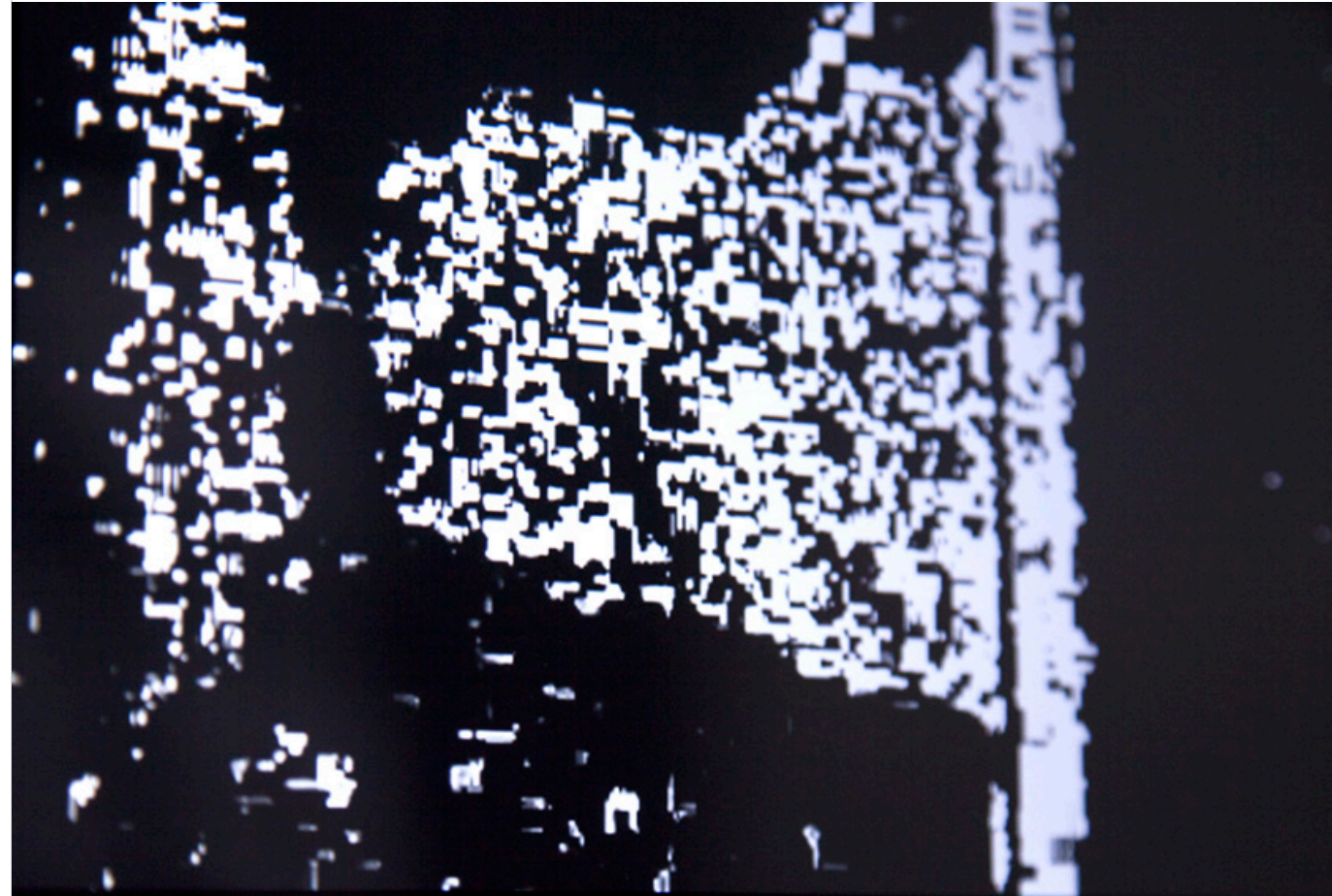


FELIPE CRUZ

ARTISTA SELECIONADO

Felipe Cruz, nascido em Bauru (1989) é formado em Geografia pela Unesp Ourinhos. Realiza pesquisas artísticas nas quais se utiliza de teorias do espaço geográfico para compreender as diversas nuances que a paisagem apresenta, através de uma filmadora digital captura cenas que retratam o cotidiano urbano e pela edição busca exprimir as emoções e sensações recordadas de cada lugar. Mantém o canal Pato VHS, onde costuma publicar algumas obras realizadas de forma experimental.

Youtube:
<https://www.youtube.com/channel/UCoEZrYA7ENa-deoDSS5UgtPg>



Participar da residência realizada em Bauru foi vivenciar um momento em que o mundo estava prestes a entrar em estado pandêmico. Já se agonizava em suas contradições. O cotidiano é a experiência de vida e, nela, as inúmeras percepções. A experiência me possibilitou focar minha energia vital para elaborar e desenvolver uma proposta que uniu o raciocínio geográfico com a elaboração de obras audiovisuais.

Domingo saí com o Farlei às 3:40 da manhã, do Geisel para a Feira-do-Rolo. Em seu estacionamento ficamos e conversamos com várias pessoas que ali estacionavam os veículos, em sua maioria os próprios feirantes que fazem a feira de domingo. Conversas sempre com risos que terminavam sempre no desejo e esperança de uma boa feira em meio da uma atmosfera de incerteza econômica. Não me demorei muito no estacionamento, fui presenciar a transformação dos dias, a rua e suas imagens e sons em transformação.

“Feira do Rolo” (2020)

Videoarte

Duração:16’05”

Disponível em:

Trilha sonora de Ricardo Cezario.

Interpretação quase guiada na cidade, um sonho acordado: romper as barreiras invisíveis no tato urbano, texturas, paredes, chão: onde está o lúdico? o que é para ser feito e como existir na cidade.

“Cidade fake lúdica” (2020)

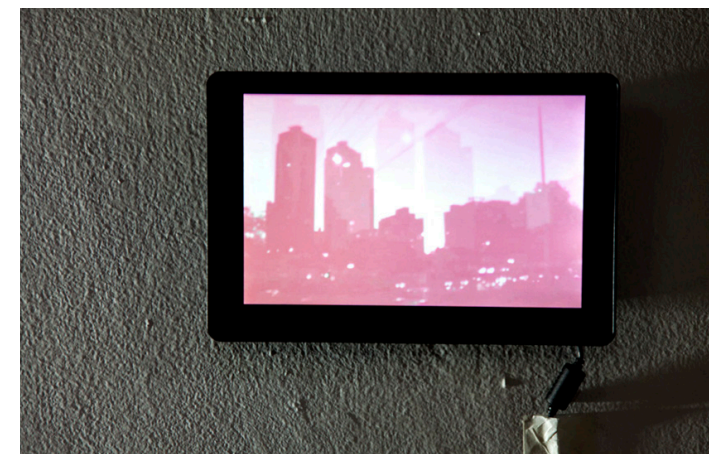
Videoarte

Duração: 4’54”

Disponível em:

Trilha sonora de Ricardo Cezario.

Interpretação: Camila Araújo.



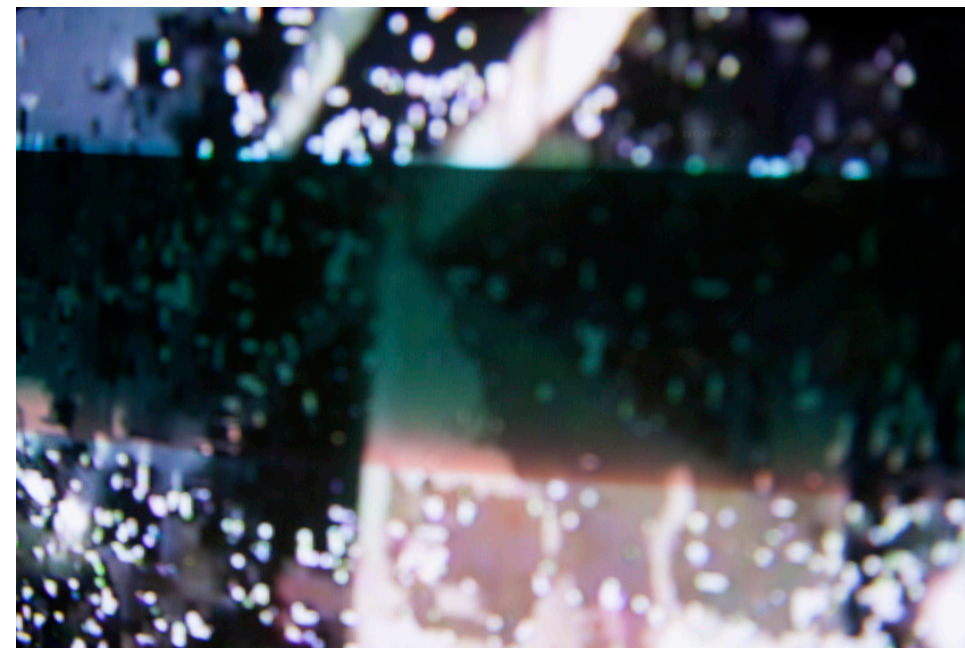
Idas e idas durante um mês para um mesmo lugar, o ateliê da residência em Bauru, na Estação Cidadania - Cultura - CEU Bauru. O caminho se tornou a própria extensão entre casa e ateliê. Essa é minha experiência atmosférica durante esse período.

“Caminhos do CEU” (2020)
Videoarte
Duração: 5’05”
Disponível em:



Meia noite no Centro de Bauru, uma cidade livro que conta sempre a mesma história do desenvolvimento: Novo velho e apagado.

“Centro” (2020)
Videoarte
Duração: 6’20”
Disponível em:



Tentativa de sentir o calor do corpo na cidade de Bauru em uma terça-feira. Feições nada novas da rotina: o urbano.



“Rolê de terça” (2020)
Videoarte
Duração: 11'47”
Disponível em:
Trilha sonora de Ricardo Cezario.





EDMAR ALMEIDA

ARTISTA CONVIDADO

É pós-graduado em Processos Artísticos pelo Unijales. Nasceu em Jales, SP, morou em Vitória Brasil e hoje mora em Franco da Rocha, na grande SP. É arte-educador desde 2012 e artista, pesquisador, xilogravurista, performer e relaciona o corpo e xilogravura como ato performativo. Participou de cinco importantes residências artísticas no Brasil e de três exposições individuais. Expôs na 1ª e 2ª Bienais Latinas da América da Gravura e em uma grande mostra de gravura na Argentina. Participou em 2018 de uma residência artística na FUNARTE SP e em 2019 do Projeto Organicidades, via Proac Municípios em Franco da Rocha, SP. Hoje participa como artista convidado da residência artística coletiva Em Residência Bauru, com projetos de residência artística na cidade de Bauru, SP, contemplada via ProaC da Secretaria da Cultura do Estado e Economia Criativa de São Paulo. Em 2020 participou como artista convidado do 3º Festival Soy loco por ti Juquery e 2º Seminário Cultura e Saúde do Museu de Arte Osório Cesar em parceria com o Living Museum Society and Psychiatrie Sr. Gallen Nord. Em 2021 apresentou o projeto Xilo Juca, ocupando xilogravuras em larga escala em outdoors por Franco da Rocha, contemplado pela Lei Aldir Blanc do Município e uma exposição de arte imersiva Estratigrafias do Corpo na programação do Festival Oxandonline.

Instagram: @edmaralmeidart





A série **SANGRIAS SOBRE RIO BAURU** vem propor uma discussão sobre o Rio Bauru e nela pude compreender o que de fato nesta residência me tocou a investigar. Ao chegar na cidade, o primeiro contato que tive foi com o Rio Bauru, que corta praticamente a cidade, numa situação que se assemelha ao Rio Tietê em SP. Sujieira, dejetos e poluição; um rio morto, que foi traído pela cidade que leva seu nome.

Jorge Lima, na Invenção de Orfeu, traz uma passagem do ato de navegar, 'há sempre um copo de mar para um homem navegar' que se assemelha ao ato de caminhar do pensador Francesco Careri. Como uma bússola que guia um navegante, pude ver uma reportagem de 2014 que traz o rio Bauru vermelho, fluxo de um acidente ambiental, sem procedência, um estado de sangria, que sangra sua morte, levando ao esgotamento pela sua situação. A bússola é uma fonte de direcionamento que leva ao desconhecido, utopias e distopias do elemento água que se encontra ao fluxo do rio.

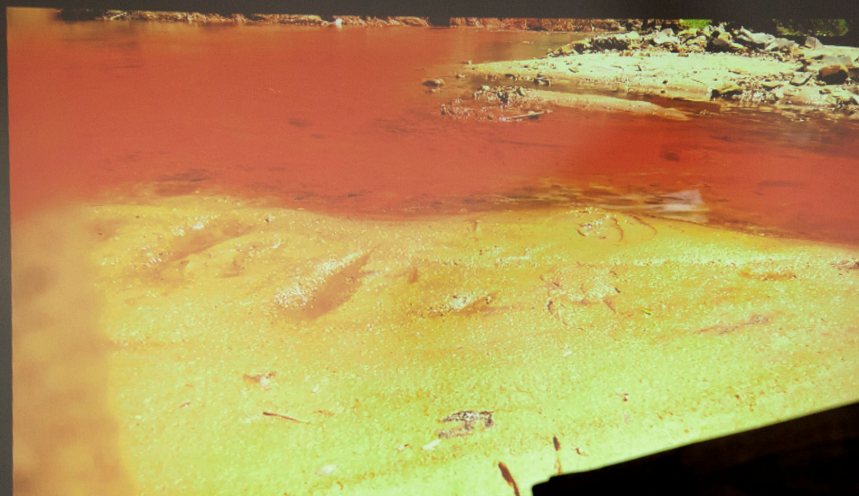
O rio tem uma dimensão natural de tempo ou ao seu fluxo em sobrepor as escalas de tempos: geológico, natural e humano. A bússola é representada no formato circular do tempo, que recebe por sua vez a gravação hidrográfica do rio Bauru, dispostos em 5 matrizes precisas circulares. O estado central da água é percebido e cuidado no processo, em destilar graficamente sobreposições de tonalidades da cor 'vermelha' pulsante neste estado de esgotamento do rio.

Em um jogo visual, as matrizes são sobrepostas, buscando destilações gráficas da fluidez da própria hidrografia, um ritual preciso e imersivo dessas justaposições que se abre no processo venoso xilográfico. É um trabalho de olhar para dentro, abordando o curso contínuo de nossas veias, carregamos dentro de nós resquícios de rios, um entupimento pode acarretar sérios fatores desse fluxo. Os pontos cardeais são apresentados na quantidade de estampas, resumindo 16 provas únicas para série, buscando tonalidades diferentes e assemelhando ao processo, o direcionamento e a descoberta acionada pelas bússolas. Diante disso, esta série propõe uma abordagem da situação do rio, como pontos cardeais que desencadeiam outras séries em investigação na residência.



“Sangrias sobre Rio Bauru” (2020 / 2021)
Xilogravura impressa sobre papel
Dimensão: 33,5 cm x 33,5 cm in I 47cm x 47 cm x 3 cm
Série: 10 estampas emolduradas.





“Gritos de um Rio” (2021)

Videoarte

Duração: 15 minutos

Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=LNkkWycKAdY>

Sobre **GRITOS DE UM RIO** paira a frieza humana, tão forte se faz presente na situação que se encontra o rio Bauru. É possível ver um rio de lama, que condensa sobre um estado arenoso.

Em meio às derivações, foram captadas imagens terrenas e aéreas do Rio Bauru. A lama é um papel importante para a vida, assim como escreveu João Cabral de Melo Neto em “O cão sem plumas”: apenas com este poema longo a linguagem depurada parece encontrar uma temática a altura: o rio Capibaribe, assim assemelha ao Rio Bauru, que corta a cidade de Bauru, rio-detrimento, com sua sujeira, seus detritos com a população miserável que lhe habita as margens, a quantidade de bocas de sujeitas que jogam ao rio, trágico espelho do subdesenvolvimento.

O cão desemplumado, portanto, é a metáfora de Cabral para o rio Capibaribe que o artista traz ao Rio Bauru, o estado visceral do descongelamento do coração humano, feito de lama, com último respiro, difícil é saber/ se aquele rio / já não está/ mais aquém do coração de um homem.

Segundo Escorel, essa peregrinação da água, sugere um estado de angústia do sujeito diante do tempo, que a água simboliza. Essas metáforas líquidas e estados que apresento na vídeo arte, traz questionamentos sobre nossas ações, como a canalização e estreitamento do Rio, ou até mesmo o enterramento do mesmo, revelando a frieza que se transforma em água, simbólico da existência humana, mostrando imagens que “transitam céleres na correnteza do tempo” (ESCOREL, 2001, p. 83).

Percorrendo os estágios que o olhar sobre o rio volta a ser água e a água novamente condensa em sangrias, revelam símbolos da permanência existencial e da água como transitoriedade líquida do tempo. Em meio às imagens aparece o áudio de um poema que o artista fez durante a residência disponibilizado no término, narrando angústias e inquietações do processo trazendo pético/congelado em diálogo com o líquido/congelado, assim como a cidade em diálogo com o rio e ambos como símbolos da angústia ante a finitude humana.



Caminhar e parar pela cidade de Bauru, fizeram compreender e perceber a quantidade de caçambas que há pela cidade, estacionadas e navegando sobre um rio asfáltico. A instalação **CAÇAMBA** é uma investigação que parte de um estado da água em conserva, água que se configura na ótica de parar o tempo, conservar aquilo que está em destilação.

Mapear caçambas me fez perceber a quantidade de madeiras e materiais que poderiam aderir ao processo, que possivelmente poderia atribuir materialmente a construção de um barco, este que não trafega mais sobre o rio Bauru.

A justaposição poética está no estado de uma caçamba, que trafega pela cidade, como um navio cargueiro, coletando lixo e sinais de mortes que vão parar no rio. As caçambas me fazem refletir os diálogos que a matéria narra de dentro para fora, o discurso está em um rio inavegável, que se coloca em prova como caçambas sobre rio asfáltico da cidade, analogias que partem em dois extremos, mas que se fundem em um único estado: a água.

A água tem convidado a captar diversas audiovisuais, já as caçambas materiais de descartes, a construção de um barco com esses materiais descartados é uma forma de abrir discursos, do quanto a cidade gera pela morte dela, do quanto estamos em estados de conservas, da sangria ao esgotamento, do descarte ao acúmulo, do movimento aí atropelamento, do navegável ao sucateamento.

As caçambas provam para nós uma espécie de urinol urbano, que mergulham no asfalto da cidade. Restos de madeiras encontradas nas caçambas serviram para construção do barco que foi todo trabalhado com materiais de descarte. Caçamba é uma analogia na busca de reflexão sobre o excesso de lixo produzido pela sociedade e o quanto de nós é visto poluindo diariamente o rio Bauru.

Dentro da caçamba é possível ver a quantidade de lixo sólido coletado durante esta investigação e um vídeo sobre a caminhada. O acúmulo é um estado de esgotamento, um olhar para fora, que relaciona ao meio urbano um objeto invisível em meio ao inefável mundo das formas, o barco é um gatilho, já os materiais a munição.

A instalação é um estado de deslocamento que aponta a barcaça para um significado cotidiano, a caçamba, que serve para sumir



com o lixo, mas o lixo não desaparece, apenas muda de lugar ou estado que eu criei, o barco, fazendo refletir sobre a necessidade de descarte de resíduos mentais, que envolvem ideias e pensamentos inúteis para sociedade e para nós mesmos, colocando o material e a parte residual para um diálogo externo das fronteiras artísticas. O deslocamento dos materiais encontrados em caçambas, agora empregados no trabalho, simbolizam este desaparecimento perverso dos resíduos para lugares distantes e menos assistidos da sociedade, colocando em questão esse emaranhado acúmulo de frieza de nossas ações.

“Caçamba” (2021)

Instalação (Objetos de caçamba ou descartados em terrenos no curso do rio Bauru como amostras de água, madeiras, vidros, ferragens, plásticos etc.).

Dimensão: 3,70m x 1,10m x 70cm





JULIA NOGUEIRA

ARTISTA SELECIONADA

Julia Nogueira é paulistana, nascida em 1997; formada em Design Gráfico e atualmente cursando Bacharelado em Artes Visuais na UNESP - Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, no campus de Bauru. Em seus trabalhos investiga relações entre forma e conteúdo, partindo da linguagem visual para construir obras que reúnam em si uma pluralidade de texturas e volumes, com o uso de materiais encontrados nas ruas; tem como interesse a pintura, escultura e instalação. Participou de exposições coletivas na Galeria da FAAC (2018) e nos Jardins da Pinacoteca Municipal de Bauru (2019); atuou como monitora de apoio técnico nos ateliês de Artes da UNESP - Bauru (2019) e foi artista residente do Projeto “Em Residência Bauru” – Produção de Exposições Inéditas de Artes Visuais contemplado pelo Edital PROAC nº 10/2019.

Instagram: @julia.nogueira_



A obra **INSTABILIDADES COTIDIANAS** é composta de duas peças que dialogam entre si, evidenciando contraste de formas e texturas. A primeira é uma parede que se inclina desafiando sua própria rigidez formada por diversos fragmentos de madeira e papelão; e a segunda peça, que vai de encontro à primeira, é formada por grades de metal e arame enferrujado. Os materiais utilizados foram encontrados em caçambas e canteiros de obra pelos quais passei em diversos bairros da cidade durante a residência, e foram incorporados com suas marcas de uso e deterioração.

Tive como eixo norteador o conceito de “construção” - social e material - dentro do contexto urbano de Bauru, propondo reflexão sobre a ressignificação dos resíduos do consumo e da construção civil por diversas classes sociais, que aponta para uma estrutura de desconstrução/construção urbana e para questões como o acesso à cidade, moradia e transporte, intrinsecamente ligadas ao cotidiano bauruense. A composição apresenta uma estética do inacabado, constituindo um corpo cheio de retalhos que nasce a partir da cidade e cria novas relações espaciais com o entorno e suas adversidades.



“Instabilidades Cotidianas” (2020)
(Arame, madeira, madeirite
resinado, papelão e tela de
arame galvanizado)
Dimensões: 2,03 m x 1,95 m x 3,10 m

▼
ARAN CARRIEL
ARTISTA CONVIDADO

Aran Carriel (1979) dedica-se à arte experimental na música, literatura, vídeo, ilustração e mais meios ao acaso. Em Bauru (1993) pariu o antigru-po AUTOBONECO+<, que centraliza sua produção audiotextovisual, lança discos e fez centenas de shows no Brasil, duas turnês na Argentina (2011/2014) e em cinco países da Europa (2018). Em 2011 co-produziu o média-metragem “Memória Nativa Terena” com jovens indígenas da aldeia Ekeruá (Avaí/SP); no mesmo ano, participou de mostra coletiva no Museu de Arte Moderna de Jataí (Goiás) com vídeo-instalação. Zineiro desde os 90s, lançou o livro “BRINQUEDO” (2014, ilustrado pelo próprio) sob edital literário (edição bilíngue na República Tcheca, 2018). Vive no mundo, reside e trabalha em Bauru, onde mantém o cinema livre CinExtinção (2011, curadoria & técnica).



A obra é o DISCO # 30 DA AUTOBONECO+< (originalmente, antigropo experimental além de “banda de garagem”, sob diferentes formatos e meios artísticos). Parte da permanência do autor em Bauru desde 1993, chegada à cidade e origem do antigropo. O surgimento abrupto da pandemia inclinou drasticamente o teor do disco, sem imunidade a tudo isso. Seu processo foi de poucos temas/músicas prescritos e mais sob improvisação extrema audiotextovisual. Resulta no conteúdo multiforme proposto: álbum musical conceitual; vídeos individuais para cada faixa; produção de textos, imagens e mini esculturas fotografadas para o material gráfico detalhado (uma página a cada música). A apresentação-lançamento na galeria traz o encarte “desmembrado”, com suas páginas abertas na parede formando o símbolo da AUTOBONECO+<. Ao lado, objetos originais que compõem as fotos do encarte e algo extra. Ao viés dessa âncora, Bauru é a (c)idade média.

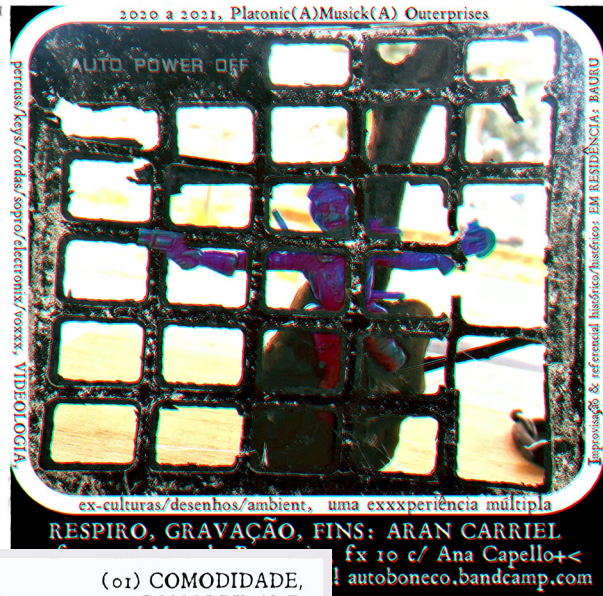
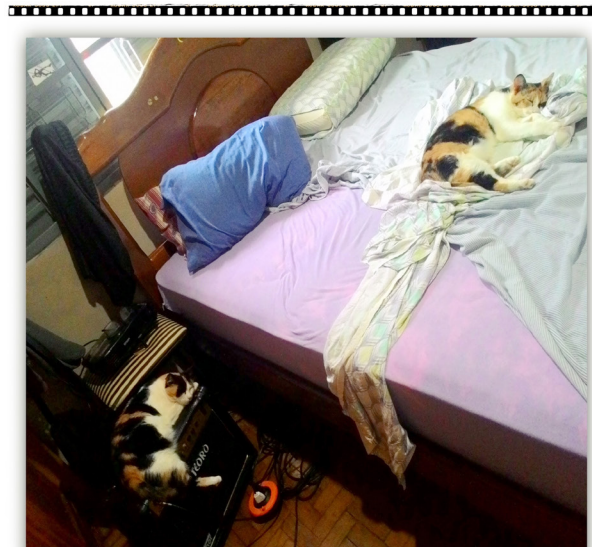


(C)IDADE MÉDIA: EX-CULTURA/REVOLTA MEK^NIK^ (2021)

Álbum disponível em:

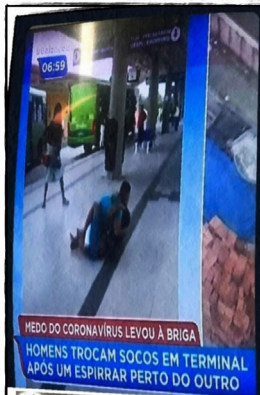
<https://autoboneco.bandcamp.com>

Inserir link direto para o álbum



- (01) COMODIDADE, COMORBIDADE & PERDIGOTO
- (02) O RISO DAS HIENAS
- (03) (DON'T) JUAN 21-25
- (04) MY WORLD (VILA CARDIA, 1995)
- (05) Q (QUIET/US)
- (06) DUQUESA DE CAXXIAS
- (07) REVOLTA MEK'NIK^
- (08) ARANHA (infiniTu)
- (09) HYPE-HOPE (SALVA-VIDAS)
- (10) SANTOS, AGUDOS: BAURU (PSYCHOGEOGRAPHY)

Platonic(A)Musick(A) 2021



02) O RISO DAS HIENAS

É previsível a tristeza das hienas está morto enfim esse humor agonizante de tão real que representa, procede, corresponde porque notícias assim não são ficção a grande barbárie de infectados pelo medo e isolamento enha piedade nha piedade.

03) (DON'T) JUAN 21-25

E mesmo o seu número IS NOT THAT COMPLETE não é tão completo

mas o seu número nao é tão completo mas isso é só porque palavras são infinitas!

um dia estarei mudo assim somos a mensagem (quem vai escrever

AND EVEN YOUR NUMBER IS NOT THAT COMPLETE não é tão completo

mas o seu número nao é tão completo mas isso é só porque palavras são infinitas!

um dia estarei mudo assim somos a mensagem (quem vai escrever



07) REVOLTA MEK'NIK^

MEU SANGUE UM DIA CORREU AGORA ELE É UM CAÍDO

COMUNICO A MINHA FRAGILIDADE

DAÍ LEVANTO<<

MY BLOOD ONCE RAN NOW IT JUST WALKS BUT WHEN I LOSE THE TOUCH

MAS QUANDO ISSO ME ACERTA IT HITS ME

I COMMUNICATE MY WEAKNESS ONLY TO BE SURE OF SOME KIND OF MET

08) ARANHA (infiniTu)

... ninguém me compreende que eu já não tenha compreendido nas teias do infinito, das teias do infinito de uma estrela até um nome nada deixa de ser bonito das teias do infinito, nas teias do infinito

a pureza em uma criança é inerente a ter nascido nas teias do infinito das teias do infinito se eu pudesse fazer de novo eu penso que melhoraria das teias do infinito nas teias do infinito

AS TEIAS DO INFINITO<<



MARILIA VASCONCELLOS

ARTISTA CONVIDADA

Marilia Vasconcellos é artista plástica e site specific, fotógrafa profissional especializada em retrato e arquitetura. Sua carreira demonstra constante pesquisa, unindo livremente técnicas tradicionais à contemporâneas na criação de um processo experimental e híbrido. Mixa analógico e digital, escultura, botânica, desenho, som, vídeo e performance no seu desenvolvimento artístico e trabalho autoral.

Ganhou sete prêmios pela Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, produziu e participou de residências artísticas e exposições nacionais e internacionais, expondo seus trabalhos em países da América do Sul e Europa: Argentina, Viena, Grécia, Portugal, Espanha, França e Itália. Formada em Fotografia pela Universidade Senac de Comunicação e Artes, atua profissionalmente desde 2002.

www.marliavasconcellos.com.br



Sobre a descartada madeira vivida e corroída pelo tempo, pontuo um pequeno mosaico de percepções plasmadas em barro branco. Pinçadas espontaneamente em um cotidiano observador e ouvinte, discorrem alegóricas em matéria plástica crua de fina porcelana.

LADRILHAR é um conjunto de pequenos azulejos que representam, individualmente, facetas da cidade de Bauru. Lábios leporinos, escorpiões, onças pardas dizimadas, queimadas, buracos, prostitutas e outros caminhos permeiam uma alegoria pujante extraída de conversas, vivências, histórias escutadas e apropriadas.

A cor branca sugere a interpretação de um objeto cru, latente e passível a intervenção. Ao mesmo tempo que também pode denotar uma ideia solidificada, escrava intacta de sua forma e não de suas nuances e personalidades multicoloridas.

“Ladrilhar”(2021)
(Azulejos de argila porcelana
sobre madeira de descarte)
Dimensões: 15 x 16 cm (cada peça)





Coleciono não lugares, fendas expostas e ao mesmo tempo invisíveis, esquecidos por serem regidos como periféricos. Os exalto em fios de ouro e prata para assim descolar a sua natureza ausente, dando um novo lugar pulsante em minha releitura intrincada, minuciosa e viva. Crio uma obra projétil que enlaça a poética e a realidade.

PERIFÉRICA foi construída após inúmeros “flaneurs” pelo google street view, onde virtualmente caminhei por lugares periféricos e esquecidos da cidade de Bauru. Com o intuito de trazer luz a tais ambientes, cada bordado carrega em si um QRcode, que após ser lido com o celular, leva à localização real de cada espaço escolhido, unindo realidades e emergindo essas paisagens imperceptíveis. Os bordados foram manufaturados em diferentes e intuitivas técnicas sobre tecidos “pobres” como pano de prato, pano de chão e flanela.

“Periférica” (2021)

(Bastidores com bordados sobre tecido,
intervenção em aquarela e QRCode)

Dimensões: três obras com 25cm de diâmetro
(cada peça)





Longas caminhadas permeiam a percepção da flora, o fluxo da sua extensão urbana multifacetada e ao mesmo tempo constante, repetente. Caleidoscópio de espécies que transparecem o meu entorno e desvendam cantos remotos da cidade por onde passei em minha constante colheita.

BOTÂNICA é um trabalho perene e multiforme, um catálogo inventado, onde somo distintas partes de plantas para a criação de uma nova espécie. Para essa nova versão montei um cenário botânico, explorando diferentes técnicas de manuseio e preservação das plantas. Uma impressão encáustica em cera, desenhos, folhas e tesouros se unem a espécimes que flutuam dormentes em cristalina parafina. Espécies inventadas repousam fossilizadas em sabão transparente, desflorando a forma ao serem cortados em lâminas.



“Botânica” (2021)

Folhas e plantas embalsamadas, tronco de madeira, sementes, desenho e xícara com café. Espécimes de plantas em cúpula de vidro com parafina em gel e sabão transparente, impressão fotográfica encáustica em parafina. Mesa antiga e cadeira da companhia ferroviária Noroeste do Brasil.

Dimensões: 120 x 50 x 76 cm



Picotado, o almanaque é o alicerce do tempo que vaza. Escorre em cadências multiformes e edifica montanhas, planícies e elevações geográficas. Fragmentos de notícias, antepassados e paisagens esquecidas são agora a massa corpórea da estrada de ferro. Vazante pontuada e costurada de Bauru a Bolívia.

Criada em um almanaque histórico da década de 60, encontrado em um sebo singular da cidade, **VAZANTE** evoca a importância da ferrovia Noroeste Paulista na criação de Bauru, usando sua história impressa como a matéria física da obra. Construída com fragmentos do próprio almanaque, reproduz de forma simbólica o relevo e o desenho da linha férrea Noroeste Paulista no percurso de Bauru à Bolívia.

“Vazante” (2021)
(Almanaque histórico,
alfinetes, linha de costura)
Dimensões: 110 x 40 cm







FILIPPE LEA PLAZA

ARTISTA SELECIONADO

Filipe Lea Plaza (1996) é artista, fotógrafo e arte educador em formação. Natural de Bauru-SP, cursa atualmente o quarto ano de Licenciatura em Artes Visuais na UNESP-BAURU. Seu trabalho reside no hibridismo entre a fotografia ensaiada e a fotografia documental. Retratista, busca sempre criar universos e contar histórias através da fotografia, com referências dentro e fora da história da arte. Na universidade, foi bolsista assistente do ateliê de Artes Visuais da UNESP/BAURU e é monitor bolsista do Polo Arte na Escola pelo segundo ano consecutivo. Atualmente sua pesquisa engloba tanto a fotografia quanto o conceito de Professor/Artista, e através da arte, história da arte e pesquisando outros professores artistas, cria paralelos e busca quebrar as barreiras entre o ensino e a produção artística, entre sala de aula e ateliê.

Instagram: @thevirtualplaza



A primeira pessoa que aceitou participar do projeto foi a Joyce, nascida, criada e moradora de Bauru. Em nossas conversas, ela, que é umbandista, contou sobre o preconceito sofrido por conta de sua religião. A partir daí, juntos, decidimos tornar esse um dos elementos centrais da composição **SANTA JOYCE**. Juntamos referências e pensamos em locações para o desenvolvimento da obra.

Ficou decidido que a foto seria feita em frente ao terreiro em que Joyce trabalha como instrumentista, o Terreiro Caboclo do Sol e da Lua, localizado na região central da cidade, próximo a linha de ferro. O espaço, por si só, trazia elementos inebriantes capazes de nos transportar para um ambiente de fantasia. Em seus pés colocamos um padê (oferenda) de Oxóssi, Orixá sintetizado como São Sebastião na Umbanda. Oxóssi é o Orixá guerreiro das matas, o caçador. Ele anda com sua flecha e come frutas como melão, uva e coco. Com a imagem tentei chegar nesse panteão africano, nesse lugar divino onde reside os orixás. Trazer essa parte tão genuinamente brasileira ao projeto agregou muito esteticamente e referencialmente os estudos a respeito de São Sebastião.

“Santa Joyce” (2020)

Fotografia

Dimensões: 70 cm X 50 cm

Modelo: Joyce Rodrigues

Maquiador: Luigi Rigoni



A obra conta com a participação de Santina Agnes, uma mulher trans/travesti da cidade de Bauru, sempre se faz presente nos locais de militância da cidade. Na época, Agnes e seus sócios comandavam a Fumacê, um bar e centro cultural, conhecido por acolher as comunidades negra e LGBTQ+ da cidade.

A potência do espaço e da figura de Santina não podiam ser desperdiçados, desse modo, ficou decidido que a fotografia seria produzida na Fumacê. O que tornou a imagem ainda mais potente foi a ideia de encenar-lá na durante um dos eventos do bar.

Acompanhar a reação das pessoas com a produção foi incrível. Todos olharam com curiosidade, interagiam com a modelo e com com o fotógrafo, organicamente. O que tornou a experiência ainda mais rica. Foi um ato performático que resultou em uma linda fotografia. Mais uma vez fiquei totalmente feliz com o resultado e com o processo, que se mostrou tão potente quanto a fotografia final.

A obra **SANTA AGNES** nos mostra Santina em seu lugar de luta, residência. As mãos da modelo, postas em formato de uma mão chifrada, foram um presente inesperado, um ato que não estava programado por mim, feito espontaneamente por ela. Um ato que evidencia o carácter de todas as obras e onde eu por todo momento tentei residir: no híbrido entre a fotografia documental e a fotografia ensaiada. Esse lugar reside entre o sonho e o real.

“Santa Agnes” (2020)

Fotografia

Dimensões: 70 cm X 50 cm

Modelo: Santina Agnes

Maquiador: Luigi Rigoni



A última produção da série estava a caminho, e dessa vez, o modelo seria o Deni. Logo em nossas primeiras trocas, o jovem de 19 anos contou um pouco sobre sua trajetória. Deni, como prefere ser chamado, saiu de casa ainda muito novo, com 15 anos, por conta de conflitos familiares. A partir daí deu início a caminhada que culminaria na abertura de seu salão, o Víbora Negra, especializado em tranças. Dada a importância deste para o personagem, e para a própria comunidade, batemos o martelo: seria ali a locação.

A partir daí abandonamos a ideia inicial, que era fotografar Deni no coreto da praça Ruy Barbosa. Ao mesmo tempo em que esta carrega grandes significados ao público bauruense, sendo um marco da cidade, o salão de Deni, para ele, possuía uma apelo afetivo muito maior. O que não deveria ser descartado, pelo contrário.

A caracterização se deu e os primeiros cliques foram sendo feitos. Elementos do próprio espaço foram realocados, até atingir o resultado desejado. O verde das folhagens, em oposição ao roxo vibrante das paredes, faz a fotografia saltar aos olhos. Em consonância com os elementos típicos da iconografia de São Sebastião, temos uma imagem delicada e, ao mesmo tempo, cheia de força e significados.

Intitulada **SÃO DENI**, a obra representa um jovem em seu local de trabalho, onde transitam pessoas queridas, compartilham-se momentos alegres, onde vivem sonhos. Pude experimentar essa alegria contagiante do ambiente. Sempre cheio de pessoas e histórias, o salão Víbora Negras x Pikumanas promove cultura, estética e vivências de sujeitos pretos e LGBTQ+ da cidade de Bauru.

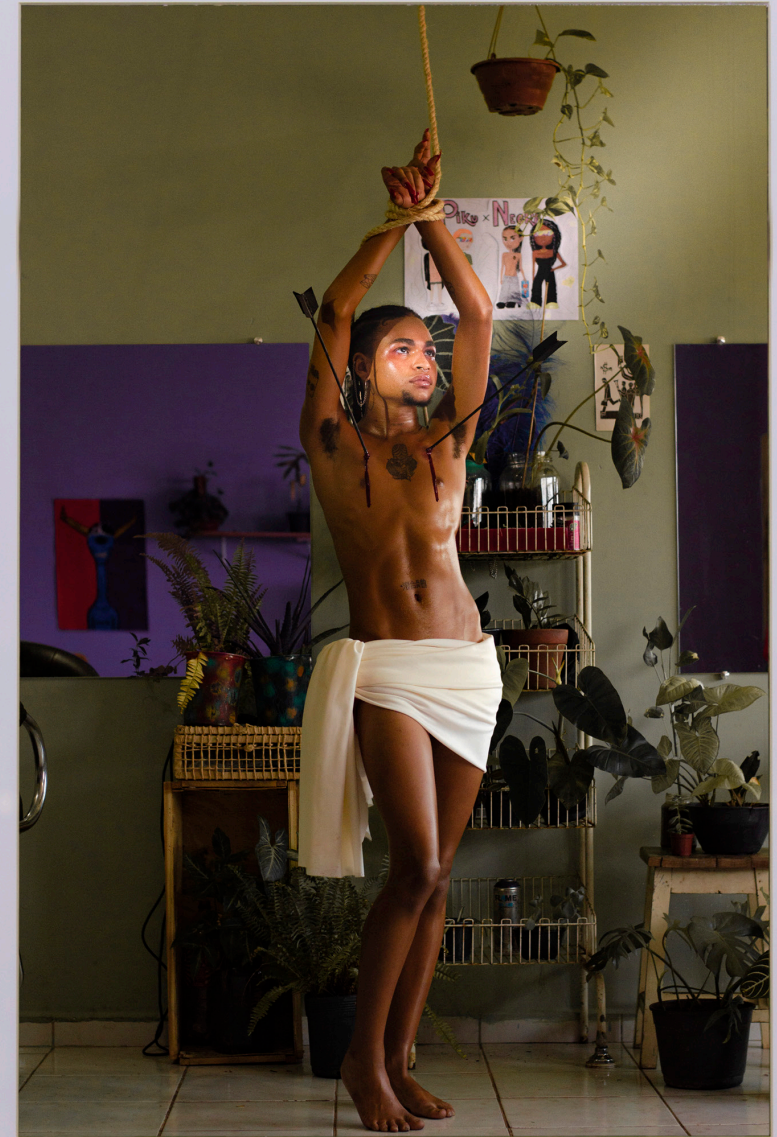
“São Deni” (2020)

Fotografia

Dimensões: 70 cm X 50 cm

Modelo: Deni

Maquiador: Luigi Rigoni





VICTOR HARABURA

ARTISTA SELECIONADO

Victor Harabura, nascido em 1987, vive e trabalha em São Paulo, Brasil, cidade onde nasceu. É pesquisador, artista plástico e historiador. O artista procura consolidar desejos e afecções temporais, transpor, por meio de suas criações, a potência dos espíritos de época em ato. Seus trabalhos buscam representar o ser humano, através de fragmentos, seja pedaços dos seus corpos ou objetos, que expressam a totalidade de seus movimentos e sentimentos, ou instantes de suas histórias. Foi selecionado no Programa de Estímulo à Cultura de Bauru, com a obra “Rasgo de Ferro” (2020), instalada permanentemente no Museu Ferroviário de Bauru.

Instagram: @victorh_escultura





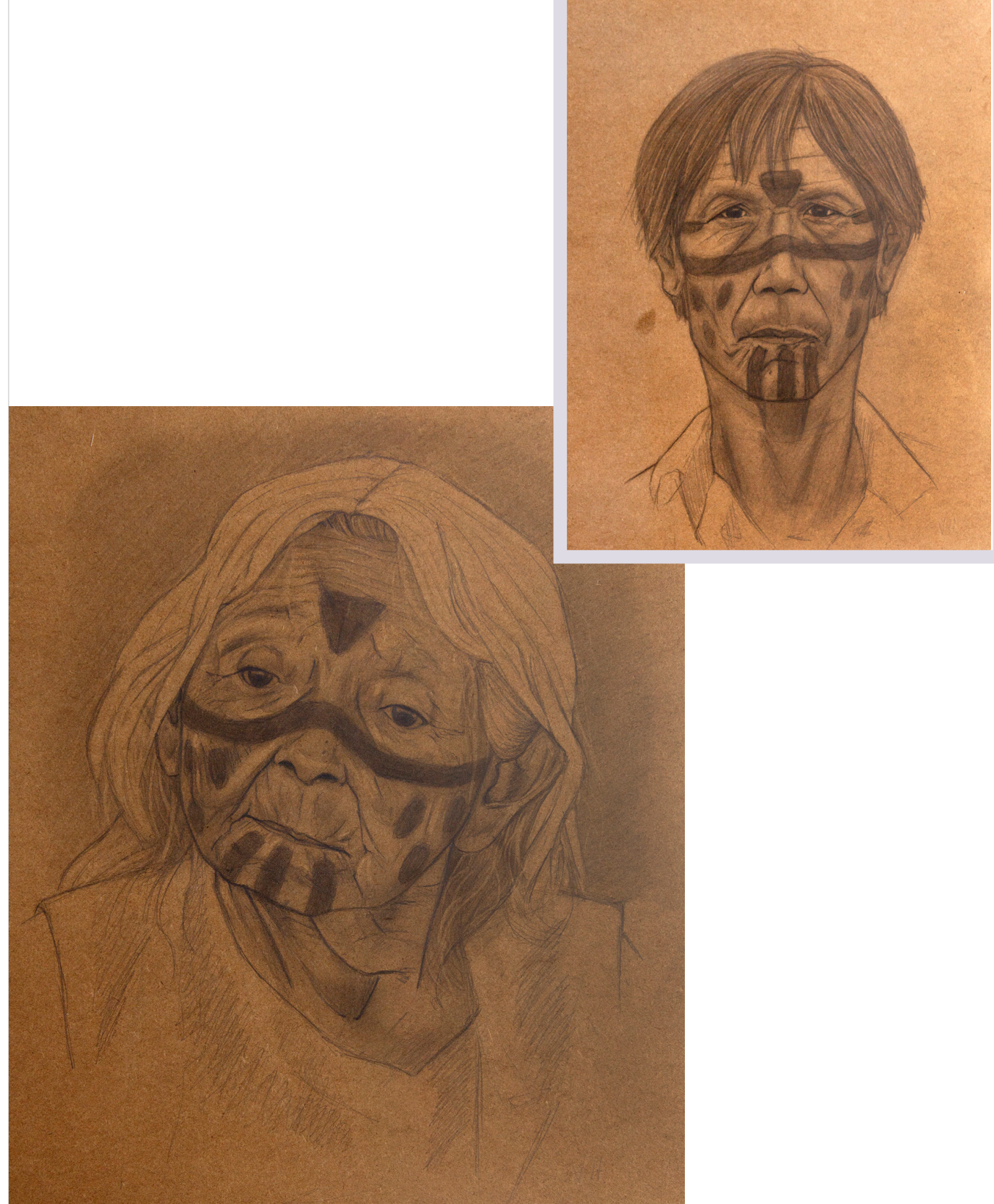
“Kaingang” (2021)
Escultura (Cerâmica, madeira, aço e concreto)
Dimensões: 9 x 48 x 45cm

A minha ideia não era esculpir um rosto já conhecido ou um personagem que fosse icônico para os **KAINGANG**, mas representar uma pessoa comum, alguém que passaria despercebido no meio da multidão. Busquei criar a escultura a partir de um homem idoso, cansado pelo tempo de trabalho nas plantações de mandioca da aldeia. Os traços de seu rosto são mestiços, uma combinação criada pela miscigenação.

Carrega consigo, junto ao ombro, sua companheira diária de trabalho pesado, gasta pelos golpes da sofrida vida. Sua camisa velha e surrada o ajudava a proteger-se do sol doloroso de Bauru. Todos os seus traços não o torna menos indígena, mas reforça a vida que leva afastado do dia-a-dia da cidade.

Para a produção de **KAINGANGS** tive dificuldade em achar um suporte para os desenhos, não conseguia comprar materiais por conta da quarentena que vivemos por causa do Coronavírus. A alternativa foi utilizar pedaços de MDF que tinha em casa. A rigidez e principalmente a cor marrom do material me chamaram a atenção e vi potencial plástico para as minhas obras. Nos desenhos, segui o mesmo pensamento da escultura, mostrando os indígenas cotidianos inseridos em uma sociedade ocidentalizada, mas sem perder as tradições e características de suas identidades. Os desenhos completam a série que idealizei como proposta para as obras que representam Bauru para mim.

“Kaingangs”(2021)
Desenhos (Grafite sobre MDF)
Dimensões: 49 x 40 cm





JEFF BARBATO

ARTISTA SELECIONADO

Jeff Barbato (1990) vive e trabalha entre Sorocaba e Bauru. Bacharel em Artes Visuais pela Universidade Estadual Paulista (UNESP). Sua relação com arte é quase instintiva e começou na própria infância. Jeff propõe diálogos entre os lugares em que a fissura aparece e os fragmentos, acontecimentos e desdobramentos dessa insurgência, passando por searas como corpo, sexualidade e territórios urbanos. Com olhar sensível para o chão e para tudo aquilo que é esquecido e deixado à mercê de si mesmo, sua pesquisa transita por multilinguagens, partindo do desenho e da fotografia. Em 2020 recebeu o prêmio FUNARTE Respirarte e também o prêmio incentivo do 17º território da arte de Araraquara. Participou de exposições coletivas em cidades do Interior Paulista e foi selecionado para o programa de acompanhamento Meios e Processos da Fábrica de Artes Marcos Amaro em Itu.

Instagram: @jeffbarbato
<https://jeffbarbato.com.br>

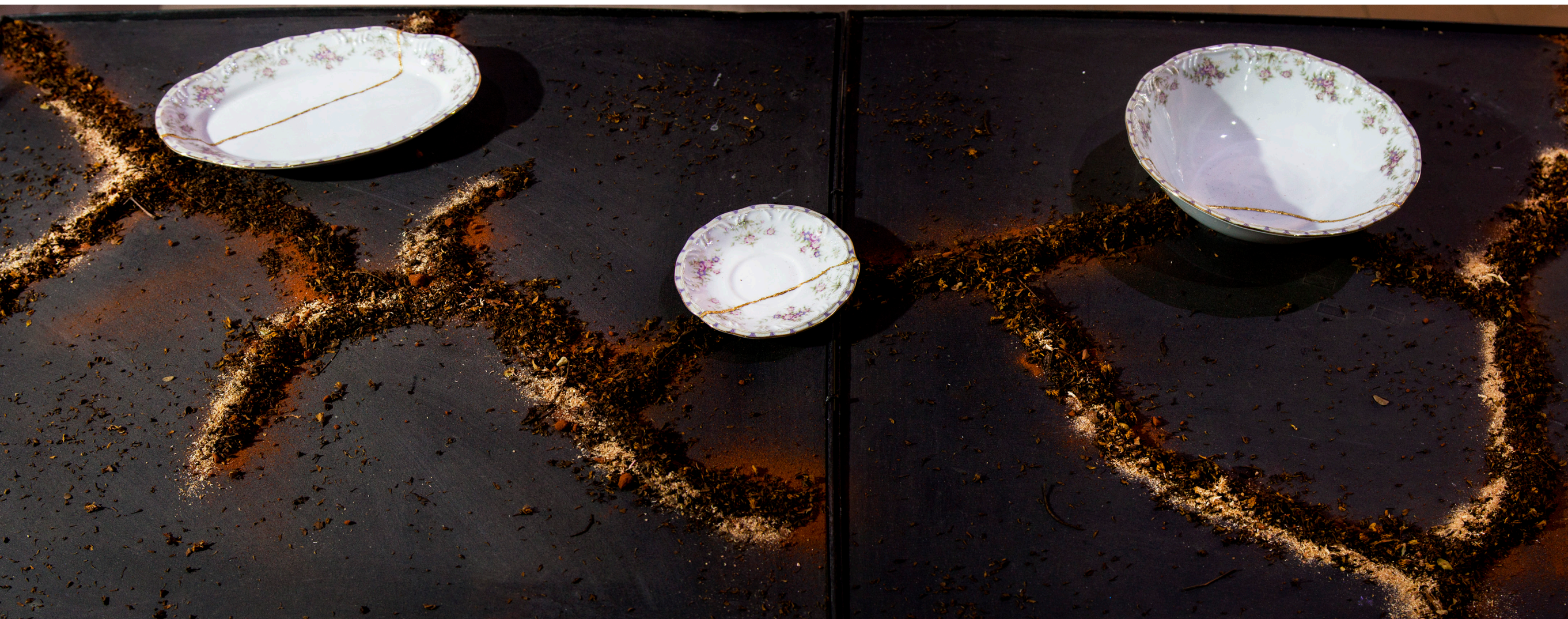


A Faculdade de Odontologia de Bauru, da Universidade de São Paulo (FOB-USP), realiza dentro do município a pesquisa e o trabalho epidemiológico científico que é referência internacional até os dias de hoje, ao se falar da incidência de fissuras labio-palatinas na população brasileira. Essas infindáveis pesquisas científicas trouxeram e ainda trazem para Bauru pessoas de todo território nacional em busca de tratamento para sua fissura e demais anomalias craniofaciais dentro do Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC/Centrinho). Dom Eliseu (PA), Formosa (GO), Porto Alegre (RS), Ipanema (AL), Belo Horizonte (MG), Vila Velha (ES), ABC, São Paulo e Bauru (SP), pessoas com um mesmo propósito, um mesmo destino: Centrinho em Bauru. Xs entrevistadxs interessadxs em participar do projeto, preencheram o formulário de manifestação voluntária divulgado nas mídias sociais, a partir disso, as entrevistas foram realizadas por ligações telefônicas.

Na instalação **CIDADE TRANSITÓRIA** são reproduzidos em minha própria voz trechos das entrevistas feitas com 10 pacientes/acompanhantes frequentadores do Hospital de Reabilitação de anomalias Crânio-faciais, bem como palavras repetidas com frequência pelxs entrevistadxs. Sobre a mesa há peças de porcelana quebradas e remendadas com ouro, encontradas na rua. Também utilizo folhagens, areia da praça e a serragem, para desenhar o mapa dos percursos feitos pelxs entrevistadxs dentro da cidade de Bauru de acordo com seus relatos sobre lugares de memória, sugerindo Bauru como uma cidade de passagens.



“Cidade transitória” (2020-21)
Instalação sonora (Folhagem, terra, serragem, porcelana, laca, folhas de ouro, falantes, amplificador e aparador)
Dimensões: 120 x 240 x 120 cm.



TANTOS CHÃOS INCONFORMADOS trata-se de uma série iniciada na fotografia, mas que para a residência foi pensada e realizada em outra linguagem. Para desenvolvimento da obra revisito locais em Bauru, fruto das memórias pessoais minhas e das pessoas entrevistadas. No processo de pesquisa pedi para que descrevessem um local da cidade de Bauru sem me dizer que local era esse. Ao todo identifiquei sete lugares.

Dentre os lugares, estão: Faculdade de Odontologia de Bauru (FOB-USP) e o HRAC/Centrinho; o parque Vitória Régia que fora citado por todas entrevistadas visto sua proximidade com o prédio do Centrinho; o Centro da Cidade; o Bosque da Comunidade; a região do Bauru Shopping e também o Templo Tenrikyo, que apesar de distante do HRAC, também fora citado por algumxs entrevistadxs. Estive em todos os locais procurando por rachaduras no chão, a fim de fazer frotagens com atadura gessada materializando essas rachaduras no corpo do trabalho e assim transportar para dentro da galeria memórias de cada lugar.



“Tantos chãos inconformados” (2020-21)
Instalação com 28 frotagens de fissuras no chão da
cidade de Bauru (Atadura gessada, medidas variadas)

Atravessado pela pandemia de COVID-19, **ÚTERO** nasce durante a residência e transforma-se quando já isolado em casa por conta da pandemia. O trabalho consiste em três caixas de madeira confeccionadas por meu pai e sobrepostas por retalhos de tecido voil de minha mãe. Em duas caixas bordei sobre o voil com linha preta, semelhante à utilizada para suturar ferimentos, o trajeto feito das respectivas cidades/estados das entrevistadas até Bauru.

Utilizei como referência um mapa do Brasil em escala de 1cm:50km visto que foram entrevistadas pessoas de diversos estados brasileiros, do norte ao sul do Brasil. Na terceira caixa o bordado sobre o voil simula o trajeto realizado pelas entrevistadas entre os locais de memória dentro da cidade de Bauru, tendo o Centrinho como ponto comum. No interior das três caixas, como em um útero, guarda-se um tesouro, ilustrações feitas com aquarela de três pacientes dos dez entrevistados, todos baseados em fotografias do momento antes dos pacientes fazerem a primeira cirurgia de reparação de sua fissura labiopalatina.

Por fim, minha proposta no projeto foi passar semanas imersivas recolhendo material historiográfico sobre pessoas que se deslocaram até Bauru em busca de tratamento para sua fissura, visto que o Centrinho é referência na América Latina no tratamento da fissura labiopalatina. A partir disso, arrisco dizer que o guarda-chuva que cobre todo esse percurso caminha por lugares da humanização, do afeto, da valorização da vida e do amor materno. E digo por fim com satisfação de que se essas narrativas não fossem fissuradas essas histórias não estariam sendo contadas.

“Útero” (2020)
Dimensões: tríptico, 79x73x9 cm
(Três caixas de madeira, tecido voil,
linha, papel e aquarela)







PROCESSOS



TEMPOS DE ATELIÊ

Após a publicação de uma convocatória de projetos voltados à comunidade artística bauruense e a seleção dos residentes Felipe Lea Plaza, Filipe Cruz, Julia Nogueira, Jeff Barbato e Victor Harabura, o projeto “Em residência: Bauru”, que conta ainda com os artistas convidados Aran Carriel, Edmar Almeida, Marcelo Bressanin e Marília Vasconcellos, teve início em março de 2020 com uma residência artística de quatro semanas.

Instalado em ateliê preparado na Estação Cidadania - Cultura (antigo CEU das Artes), o grupo pôde, a partir dali, estabelecer uma série de rotas, caminhos, derivas e pesquisas que sempre retornavam àquele espaço na forma de relatos, de memórias, de materiais ou objetos coletados, de imagens e de sons os mais diversos.

Ali também, em encontros semanais muito sensíveis com Regilene Sarzi Ribeiro, coordenadora do labIMAGEM Unesp Bauru e responsável pelo acompanhamento crítico e curatorial do grupo, as discussões sobre uma cidade sob observação convergiam em conversas que compartilhavam achados, possibilidades, métodos e dúvidas.

Aqueles tempos de ateliê, que conviveram com os primeiros rumores locais sobre a pandemia pelo Covid-19, aglutinaram diversas leituras da cidade, de sua história e estórias, livros antigos, discussões teóricas e outras tantas trocas que aos poucos foram tecendo um novo território, uma Bauru diferente, vista por olhares diversos e materializada em processos particulares que, ao mesmo tempo em que parti-

lhavam um objeto comum, surgiam marcados pelas perspectivas de cada um dos artistas em residência.

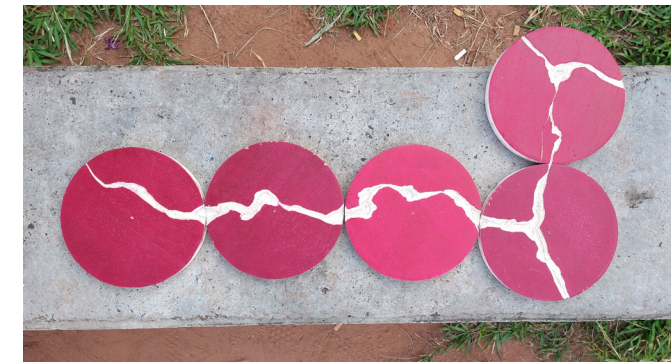
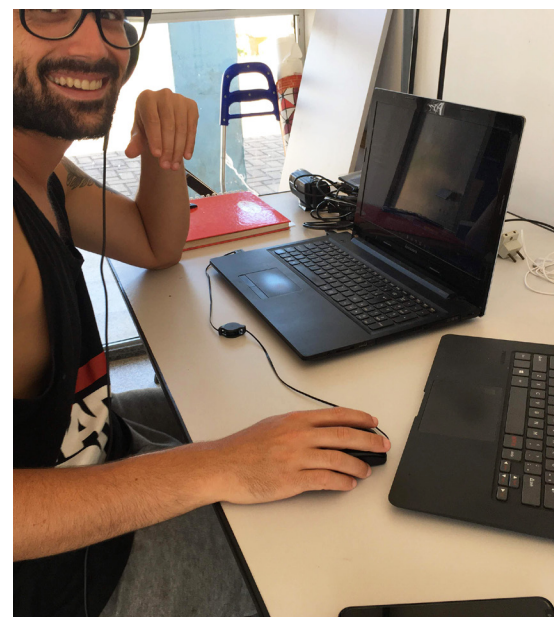
Enquanto isso, ao longo daquela experiência, os olhares dos frequentadores da Estação Cidadania - Cultura, espreitavam curiosos as vidraças do espaço, buscando se aproximar e compartilhar dos processos em andamento e de suas intenções.

Hoje, diante das obras finais apresentadas na mostra coletiva “Em residência: Bauru”, aqueles momentos de ateliê repousam como uma camada de memórias impregnadas nas peças produzidas e nas lembranças dos residentes. Talvez não sejam imediatamente evidentes para os visitantes da exposição mas certamente estão ali, aderidos a cada um dos trabalhos apresentados e pulsando novas leituras sobre a cidade.

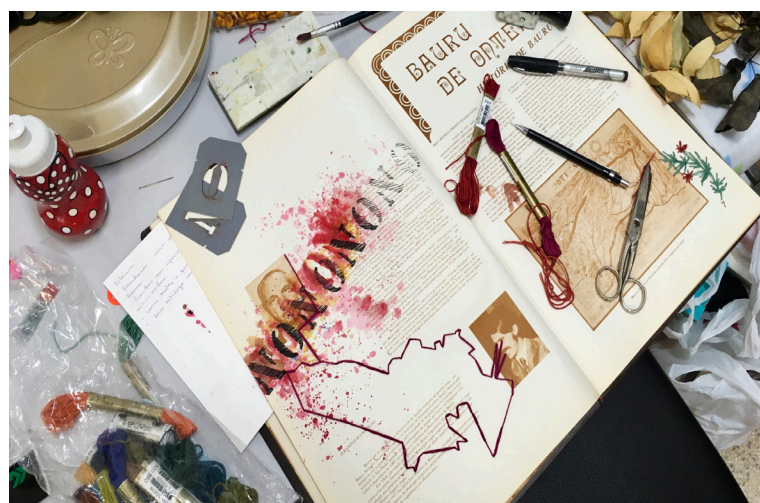
As imagens a seguir registram um pouco daquelas explorações, numa coletânea que, mesmo insuficiente, permite resgatar aquela convivência. Enfim, que falem as obras ali criadas. Afinal, como disse Pedro Ayres Magalhães, músico da banda portuguesa Madredeus, a respeito do primeiro álbum do grupo: “tudo o que já tem tempo leva tempo a compreender”.

EDMAR ALMEIDA, MARCELO BRESSANIN
E MARILIA VASCONCELLOS













EM RESIDÊNCIA BAURU

PROJETO CONTEMPLADO PELO EDITAL PROAC 10/2019 - PRODUÇÃO DE EXPOSIÇÕES INÉDITAS DE ARTES VISUAIS

FICHA TÉCNICA

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO / SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA

João Doria
Governador do Estado

Rodrigo Garcia
Vice-Governador do Estado

Sérgio Henrique Sá Leitão
Secretário de Cultura e Economia Criativa do Estado

Cláudia Pedrozo
Secretária Executiva de Cultura e Economia Criativa do Estado

Frederico Mascarenhas
Chefe de Gabinete de Cultura e Economia Criativa do Estado

EQUIPE “EM RESIDÊNCIA: BAURU”

Proponente: **Aubre da Silva Idesti (DJ Ding)**
Produção executiva: **Marília Vasconcellos**
Produção: **Marcelo Bressanin**
Acompanhamento crítico-curatorial: **Regilene Sarzi Ribeiro**
Artistas convidados: **Aran Carriel, Edmar Almeida, Marcelo Bressanin e Marília Vasconcellos**

Artistas selecionados: **Felipe Cruz, Filipe Lea Plaza, Jeff Barbato, Julia Nogueira e Victor Harabura**

Identidade visual e diagramação digital: **Paulo Sandrini**

Assessoria de imprensa: **Rodrigo Carvalho**

Registros fotográficos, website e tour 360: **Marília Vasconcellos**

Registros e edição em vídeo: **Edmar Almeida**

Captação e edição sonora: **Marcelo Bressanin**

APOIO

Prefeitura Municipal de Bauru
Estação Cidadania - Cultura (CEU das Artes)
Laboratório de Estudos da Imagem FAAC Unesp Bauru (labIMA-GEM)

AGRADECIMENTOS

Secretaria Municipal de Cultura de Bauru
Galeria Municipal “Angelina Waldemarin Messemberg” (Bauru)
Equipe ProAC Editais



Apoio



Realização



| Secretaria de Cultura e Economia Criativa